N. 110

IGREJA E APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.
Viver às claras. Viver para oûtrem. Órdem e Progrésso.

A BANDEIRA NACIONAL

POR

R. TEIXEIRA MENDES

Artigos publicados no *Diário Oficial,*
seguidos de um apendice
em que são refutadas nóvas críticas feitas ao pavilhão republicano do Brazil.

TERCEIRA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
74, rua Benjamin Constant, 74
Ano CLXX da Revolução Franceza e CIV da Éra Normal.
1958

IV PARCO - 10
DATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL - 18

100

N. 110

IGREJA E APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.

Viver às claras. Viver para oûtrem. Órdem e Progrésso.

A BANDEIRA NACIONAL

POR

R. TEIXEIRA MENDES

Artigos publicados no *Diário Oficial*,
seguidos de um apendice
em que são refutadas nôvas criticas feitas ao pavilhão
republicano do Brazil.

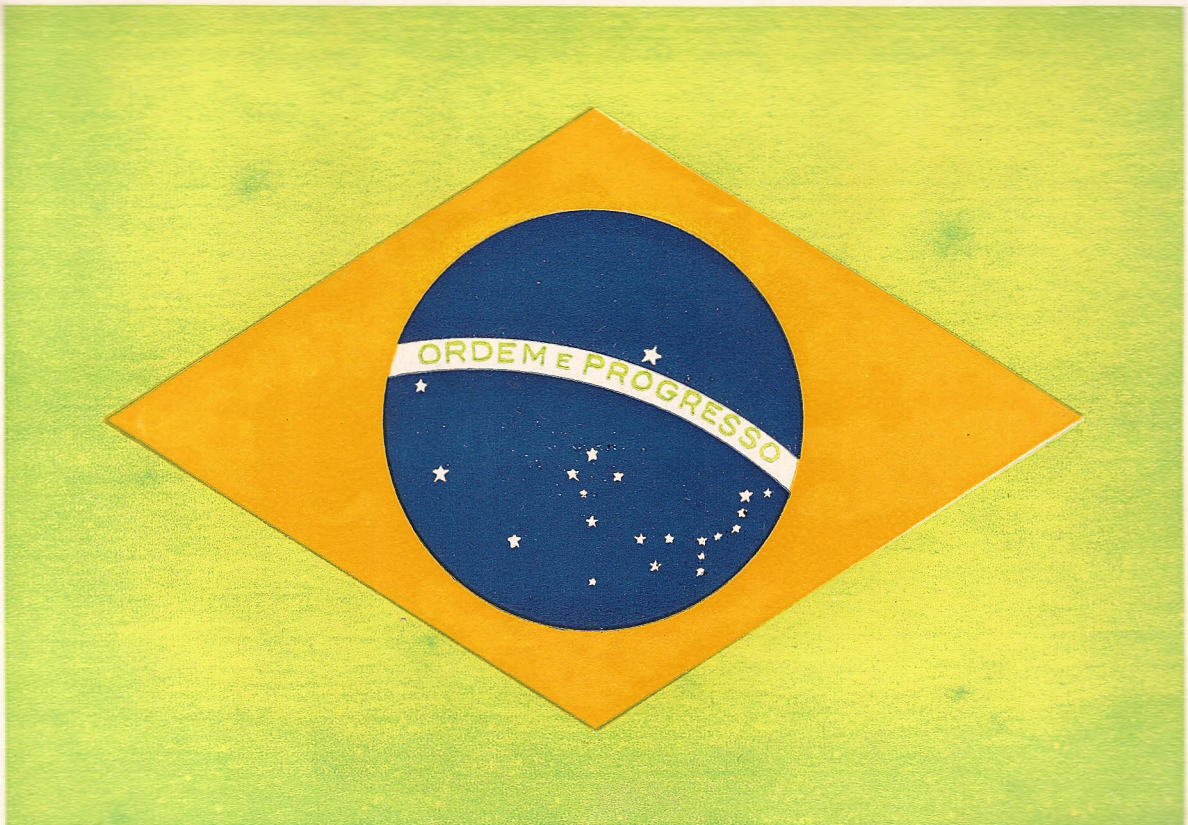
TERCEIRA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
74, rua Benjamin Constant, 74
Ano CLXX da Revolução Franceza e CIV da Era Normal.
1 9 5 8

ADVERTÊNCIA

Nesta 3.ª edição da publicação n.º 110, onde vem descrito, por seu autor o apóstolo R. Teixeira Mendes, o pavilhão republicano do Brasil, a Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil, reuniu em apêndice a p. 147 e outros artigos, nos quais os apóstolos Miguel Lemos e R. Teixeira Mendes, já refutaram várias críticas levantadas contra a nossa bandeira e hoje, infelismente repetidas.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



BANDEIRA NACIONAL

A BANDEIRA NACIONAL

Por decréto n. 4 de 19 de novembro corrente foi instituída a bandeira que simboliza a República dos Estados Unidos do Brazil. Tal símbolo coïncide essencialmente com uma patriótica inspiração do denodado chéfe do governo atual e corresponde às tocantes emoções dos nóssos soldados e marinheiros, ao mesmo tempo que tradús o conjunto das inspirações nacionais. Única parte da nação em quem o culto fetíchico da bandeira foi sistemáticamente mantido, a fôrça pública de térra e mar, milhór do que qualquér outra classe de cidadãos, devia naturalmente sentir as condições a que tinha de satisfazer o novo emblema dos feitos e das esperanças da Pátria Brazileira. Uma descrição singéla bastará para patentear as eminentes qualidades morais e políticas do pavilhão republicano do Brazil.

Destinada a lembrar a fraternidade, baze de todo o civismo, a bandeira déve ser um símbolo de amor antes de tudo. Contemplando-a, cumpre que os cidadãos síntão com energia todas as convergências sociais através das discordâncias individuais. Éla nos déve recordar o Passado donde proviemos, a Posteridade por quem trabalhamos, e o Prezente que fórma o élo movediço déssas massas indefinidas das gerações humanas. *Continuidade* e *solidariedade* — isto é — a *unidade* na sua mais alta acepção, tal déve ser o seu primeiro caraterístico.

Reconhéce-se, à vista destes motivos, que o símbolo nacional devia manter do antigo tudo o que pudésse ser conservado, de módo a despertar em nóssa alma o mais ardente culto pela memória de nóssos avós. Mas, por outro lado, êle devia tambem eliminar tudo quanto pudésse perturbar o sentimento da solidariedade cívica, por traduzir crenças que não são mais partilhadas por todos os cidadãos. Devia finalmente incitar a mais

1. Este artígo, escrito a pedido do Sr. Ministro da Fazenda, foi publicado no *Diário Oficial* de 24 de Novembro de 1889.

fervoróza dedicação pelas gerações vindouras. Éra, pois, evidente a necessidade não só de manter as côres e a dispozição da primitiva bandeira, mas tambem de substituir por nóvos símbolos os emblemas da monarquia. Foi justamente o que se fês.

Para compreender similhante substituição, recordemos o histórico do antigo pavilhão brazileiro.

Por carta de 13 de Maio de 1816, D. João VI deu por armas ao reino do Brazil *uma esféra armilar de ouro em campo azul,* e por decréto de 18 de setembro de 1822 fôrão instituídos o escudo de armas e a bandeira que nos servírão até o gloriozo 15 de novembro. Tal instituição é devida essencialmente a Jozé Bonifácio, o Patriarca da nóssa Independência. Eis os termos desse decréto:

"Havendo o reino do Brazil, de quem sou regente e perpétuo defensor, declarado a sua emancipação política, entrando a ocupar na grande família das nações o lugar que justamente lhe compéte como nação grande, livre e independente; sendo por isso indispensável que êle tenha um escudo real d'armas que não só se distingão das de Portugal e Algarves até agóra reünidas, mas que sêjão caraterísticos deste rico e vasto continente; e dezejando eu que se consérvem as armas que a este reino fôrão dadas pelo Sr. rei D. João VI, meu augusto pai, na carta de lei de 13 de Maio de 1816, e ao tempo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fora imposto no seu felís descobrimento e honrar as 19 províncias compreendidas entre os grandes rios que são os seus limites naturais e que fórmão a sua integridade que eu jurei sustentar: hei por bem e com o parecer do meu conselho de estado determinar o seguinte: — Será d'óra em diante o escudo de armas deste reino do Brazil em campo verde uma esféra armilar de ouro, atravessada por uma crus da órdem de Cristo, sendo circulada a mesma esféra de 19 estrelas de prata em uma órla azul, e firmada a coroa real diamantina sôbre o escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos das plantas de café e tabaco, como emblemas de sua riqueza comercial, reprezentados na sua própria cor e ligados na parte inferior pelo laço da nação. A bandeira nacional será compósta de um paralelogramo verde e nele inscrito um quadrilátero romboidal

cor de ouro, ficando no centro deste o escudo das armas do Brazil.

"Jozé Bonifácio de Andrada e Silva, do meu Conselho de Estado e do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, o Sr. rei D. João VI, e meu ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino e de Estrangeiros, o tenha assim entendido e faça ezecutar com os despachos necessários. Paço, em 18 de setembro de 1822."

Como se vê, a continuidade histórica foi respeitada na creação do emblema imperial que manteve a esféra armilar de ouro e apenas mudou o campo de azul para verde. Ao mesmo tempo se nóta que Jozé Bonifácio se propôs recordar a filiação histórica do povo brazileiro, lembrando pelo primeiro nome dado ao Brazil os seus antecedentes coloniais. Teve outrosím cuidado de simbolizar a *independência* e o *concurso* de todos os elementos americanos de orígem portugueza por meio de uma órla azul com 19 estrelas de prata, combinando désta arte as cores da antiga metrópole. A coroa éra o caraterístico peculiar da monarquia.

Pois bem; o novo emblema devia significar os mesmos sentimentos e pensamentos, mas tinha tambem de traduzir as nóvas aspirações nacionais.

Para satisfazer a ésta dupla necessidade foi que se adotou a reprezentação idealizada do aspéto do Céu na capital dos Estados Unidos do Brazil, no momento em que a constelação do Cruzeiro se acha no meridiano, estampando-se na direção da órbita terréstre a legenda: — Órdem e Progrésso.

Este símbolo corresponde a tudo quanto o outro tinha de essencial. Ele lembra naturalmente a faze do Brazil-colônia nas cores azul e branca que matízão a esféra, ao mesmo tempo que ésta recórda o período do Brazil-reino por trazer à memória a esféra armilar. Despérta a lembrança da fé glorióza dos nóssos antepassados e o descobrimento désta parte da América, não já por meio de um sinal que é atualmente um símbolo de divergência, mas por meio de uma constelação cuja imágem só póde fomentar a mais vasta fraternidade: porque néla o mais fervorozo católico contemplará os mistérios insondáveis da crença mediéval, e o pensador mais livre recordará o caráter subjetivo déssa mesma crença e a poética imaginação dos nóssos avós.

Finalmente, foi mantida a idéia de reprezentar a independência e concurso cívicos por um conjunto de estrelas.

Suprimírão-se os ramos de tabaco e café porque sobrecarregarião o pavilhão com uma especificação que não mais corresponde à realidade, visto como não são os únicos objétos agrícolas do comércio do Brazil, além de ocupárem um lugar secundário no mesmo comércio, sob o ponto de vista moral.

O verde e o amarélo da bandeira já reprezêntão suficientemente o aspéto industrial do Brazil, por isso que caraterízão o conjunto das produções da natureza viva e da natureza mórta.

Vejamos agóra como o novo emblema tradús as aspirações do Prezente.

O povo brazileiro, como todos os póvos ocidentais, acha-se vivamente solicitado por duas necessidades ambas imperiózas, que se rezúmem nas palavras — Órdem e Progrésso. Todos sêntem, por um lado, que é imprecindível manter as *bazes* da sociedade; mas todos percébem tambem que as instituições humanas são sucetíveis de *aperfeiçoamentos*. Óra, acontecendo que o tipo da Órdem só foi até hoje fornecido pelo regímem teológico e guerreiro passado, e que o Progrésso tem ezigido a eliminação, por vezes violenta, de cértas instituições, o espírito público foi levado empíricamente a supôr que as duas necessidades érão irreconciliáveis.

D'aí a formação de dois partidos opóstos, um invocando para lema a Órdem e outro tomando para diviza o Progrésso; partidos que se combátem com encarniçamento e que transfórmão as pátrias ocidentais em campos permanentes de batalha.

No entanto, a Dinâmica social, fundada por Augusto Comte, para completar e dezenvolver a Estática social fundada por Aristóteles, demonstra que as duas necessidades de Órdem e Progrésso, longe de sêrem irreconciliáveis, por toda a parte se harmonizão. E ainda mais, o mesmo egrégio Pensador demonstrou que éssa harmonia se dá na política e na moral em conseqüência da preponderância do amor. Na fraze do fundador da Religião da Humanidade: — *O Progrésso é o dezenvolvimento da Ordem, como a Ordem é a consolidação do Progrésso*.

Pois bem, é éssa conciliação da Órdem com o Progrésso que todo o povo brazileiro sente, e sem a qual não poderia ezistir a verdadeira fraternidade; é éssa conciliação que o novo símbolo proclama. Progressistas e ordeiros pódem hoje confraternizar; e éssa confraternização é tanto mais sólida quanto a diviza foi hasteada após uma revolução progressista e triunfante. A nóva diviza significa que éssa revolução não aboliu simplesmente a monarquia; que éla aspira a fundar uma pátria de verdadeiros irmãos, dando à Órdem e ao Progrésso tôdas as garantias que a história nos demonstra sêrem necessárias à sua permanente harmonia.

Inscrita na zona dos planetas, a fórmula política nos recórda que éssa conciliação da Órdem com o Progrésso se patenteia desde os fenômenos matemáticos, como nos atésta o espetáculo astronômico. E ao mesmo tempo tem a vantágem de indicar que, assim como foi só a siência quem poude descobrir éssa conciliação na mecânica e no Céu, assim tambem é pelo estudo sientífico da sociedade que se conségue descobrir as condições da harmonia política e moral.

Para terminar éstas rápidas indicações, résta-nos fundamentar a maneira por que foi reprezentada a esféra celéste. Para isso cumpre reconhecer em primeiro lugar que não se tratava de construïr própriamente uma *carta* do Céu. Éra precizo figurar um céu idealizado, isto é, compor uma imágem que em nóssa mente evocasse o aspéto do nósso céu, bem como os sentimentos que a nóssa evolução poética tem ligado a similhante imágem. O relativismo estético, e mesmo sientífico, traça as régras a seguir em tal idealização.

Figurou-se a esféra inclinada sobre o horizonte segundo a latitude do Rio de Janeiro, e assinalou-se o pólo do sul pelo Sigma do Oitante, que tornou-se o símbolo natural do município neutro. Escolhêrão-se constelações austrais, com eceção do *Pequeno cão*, que forneceu *Prócion* para significar que a União Brazileira tem um Estado que se estende ao emisfério nórte. Esta constelação fica ao nórte do Equador e ao sul da Eclítica. As outras constelações escolhidas fôrão alem da do *Cruzeiro*, convenientemente destacada, o *Triângulo Austral*, o *Escorpião*, a *Virgem* (*Espiga*), *Argos* (*Canópo*) e o *Grande cão* (*Sírio*). A *Virgem* tem parte no emisfério nórte e parte no emisfério sul, estendendo-se aquéla

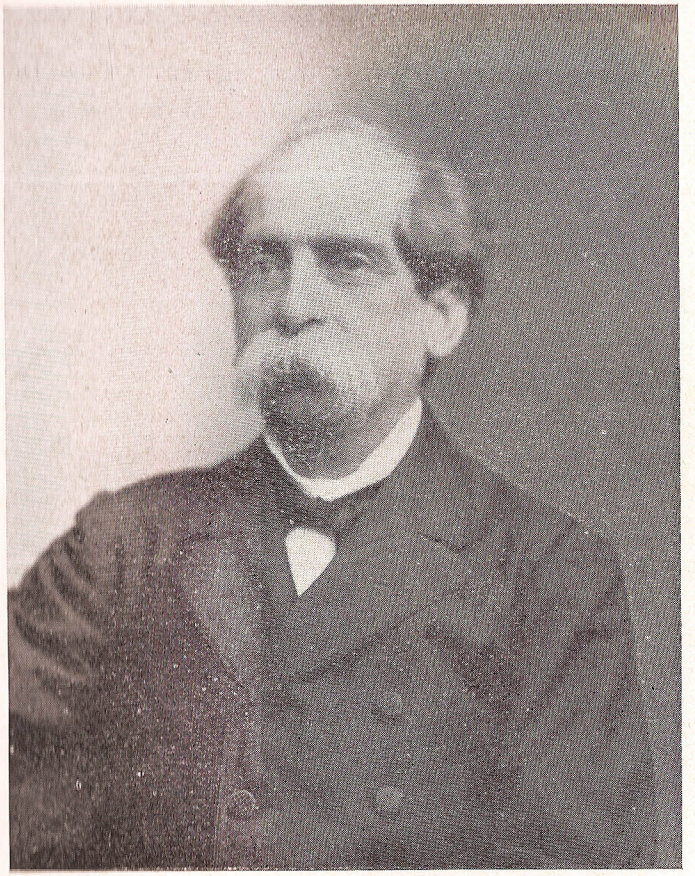
acima da Eclítica. A sua estrela mais béla, a *Espiga*, pertence ao nosso emisfério, e a éssa estrela está ligada a memória da descobérta da precessão dos equinócios pelo fundador da astronomia, o imortal Hiparco. Ela não podia, pois, deixar de ser escolhida. Na bandeira éla está figurada acima da Eclítica para quebrar a monotonia do emisfério boreal. *Prócion*, que é a única estrela das escolhidas que está no emisfério nórte, não podia ser colocada acima da Eclítica, porque a constelação está ao sul déssa linha. A liberdade estética, pelo contrário, permitia colocar a *Espiga* acima da faixa reprezentativa do zodíaco por se tratar de uma constelação que tem parte acima e parte abaixo do plano da órbita terréstre, e de uma estrela que bastaria uma pequena variação na inclinação desse plano para transportá-la ao nórte dele. Mas éla foi reprezentada junto da faixa.

Em rezumo, o estandarte da República Brazileira simboliza o nósso Passado, o nósso Porvir, e o nósso Prezente; a nóssa térra e o nósso céu; os feitos dos nóssos pais e as nóssas aspirações. Mas não é tudo. Ele recórda tambem a nóssa filiação com a França, o centro do Ocidente, e por esse lado nos prende à toda a evolução humana passada, e ao mais remóto futuro. Com efeito, o campo verde que tudo domina não recórda só a nóssa térra. Como dís Augusto Comte: "Ésta nuança convem aos hômens do Porvir, por isso que carateriza a Esperança, como o anuncia habitualmente por toda a parte a vegetação, ao mesmo tempo que indica a Pás; duplo titulo para simbolizar a *atividade pacífica*. Históricamente, éla inaugurou a Revolução Franceza, pois que os sitiantes da Bastilha não tivérão quázi todos outros emblemas sinão folhas súbitamente arrancadas às árvores do Palais Royal, segundo a felís ezortação de Camilo Desmoulins."

Ésta recordação universal nos transpórta à contemplação do próto-mártir de nóssa liberdade nacional, o generozo Tiradentes, cujo temerário patriotismo foi denunciado no mesmo ano em que Paris inagurava a regeneração humana.

R. Teixeira Mendes

10, rua Santa Izabel.
N. no Maranhão (Caxias) em 5 de Janeiro de 1855.



R. TEIXEIRA MENDES
Apóstolo da Humanidade
Autor da bandeira republicana do Brasil

APÊNDICE

Carta ao Redator do "Diário Oficial" [1]

Rio de Janeiro, 21 de Frederico de 101 (25 de Novembro de 1889).

Cidadão Redator. — Quando, a convite do Cidadão ministro da fazenda, escrevi a apreciação filozófica da bandeira nacional, ôntem publicada no *Diário Oficial*, longe estava de imaginar que alguem se lembrasse de combater a diviza — *Ordem e Progrésso*.

Não havendo nenhum cidadão brazileiro capás de renegar éstas duas aspirações, é claro que não se podia cogitar da mínima objeção a similhante legenda. No entanto, um único diário désta capital, assás caraterizado pelos seus antecedentes monarquistas e clericais [2], acaba de levantar-se contra éssa fórmula de concórdia que é o rezumo da política republicana, como aliás se tem pronunciado contra outros atos decizivos do Governo Nacional. E para fazer calar no ânimo de alguns ingênuos a sua fútil opozição, dá como pretesto da sua crítica o fato de tal diviza ter sido formulada pela primeira vês por Augusto Comte, e prestar-se éla ao ridículo.

Antes de tudo convem notar que o ridículo não depende dos objétos contemplados e sim dos sentimentos de que se acha animado o contemplador; não

1. Publicada no n.º de 26 de novembro de 1889.
2. O *Diário do Comércio*.

sendo de admirar que um monarquista e clerical ache ridículos os símbolos de uma república. Outrosim, não eziste imágem por mais béla e séria que seja que não se préste à esploração do instinto destruidor, como o demonstra a *caricatura;* sendo de observar que a tentativa de ridicularizar os hômens e as coizas provóca o rizo ou a indignação, segundo as dispozições afetivas dos assistentes.

Quanto ao primeiro argumento, a sua puerilidade só se compara à do segundo. Não ha verdade que não tenha sido dita por um cérto hômem pela primeira vês. Só se póde combater razoavelmente uma mássima, demonstrando que éla é falsa e não corresponde à situação. Assim, para rejeitar a fórmula — *Ordem e Progrésso* —, para acuzá-la de ser uma impozição do governo republicano, o jornalista, aliás anônimo, devia demonstrar que o povo brazileiro não quér órdem nem progrésso, ou quér mais alguma coiza alem do que rezúmem éstas duas palavras ou quér justamente o contrário do que élas esprímem. Basta pôr a questão nestes termos para fazer realçar a verdadeira orígem moral das objeções aprezentadas.

A aceitação da fórmula — *Ordem e Progrésso* — implica tanto a conversão à Religião da Humanidade, como a aceitação da lei da gravitação descobérta por Newton implica a adoção das teorias metafízicas do eminente pensador inglês; ou o reconhecimento da supremacia do amor proclamada por São Paulo implica a aceitação do Catolicismo. Para ser coerente, o jornalista devia tambem promover a rejeição do chão verde de nóssa bandeira nacional porque esse é tambem o fundo da bandeira religióza do Pozitivismo.

O ter sido formulada por Augusto Comte a diviza republicana dos tempos modérnos a ninguém déve causar surpreza. São só os Aristoteles, os São Paulos, os Confúcios, os Mahomets, os São Bernardos, os Descartes, os Leibnitz, os Augusto Comte, etc., que pódem sistematizar as aspirações de sua época. Augusto Comte é um pensador cujo mérito não é mais matéria de mínima dúvida. Póde-se rejeitar o conjunto de sua doutrina, e bem pequeno é o número dos que a séguem hoje. Mas muitos aspétos izolados déla já fázem parte integrante da civilização de nósso tempo.

Um dos fundadores da República Brazileira, o cidadão Benjamin Constant, sempre apregoou a superioridade mental e moral do eminente filózofo republicano. Igual conduta tivérão o atual ministro da Agricultura, o cidadão Demétrio Ribeiro, e tantos e tantos que trabalhárão pela república quando o jornal de que se trata fazia salamaléques à dinastia decaída.

¿Porque tambem não propor que a República rejeite de seu seio e de seu governo esses beneméritos da Pátria que sem sêrem adéptos ortodóxos da Religião da Humanidade, esforçárão-se no entanto por propagar as vistas políticas de nósso Méstre?...

Os nóssos concidadãos sábem que nós os pozitivistas ortodóxos, nós os *sectários estreitos* da Religião da Humanidade, daquilo que o jornalista chamou *seita*, nada pretendemos da República em proveito especial nósso ou de nóssa fé. Confórme as prescrições de Augusto Comte, todos os pozitivistas, quér teóricos, quér práticos, durante a primeira faze da tranzição orgânica em que entrámos, não devemos siquér ocupar os mínimos *cargos políticos*, justamente para tornar insuspeita e pura a nóssa intervenção. E, entretanto, a largos anos, podemos dizer, desde a nóssa meninice, que combatemos pela República. Quanto à nossa fé, éla, como todas as *instituições sientíficas* da Humanidade, ha de triunfar pela livre propaganda de que até hoje se ufana, sem precizar do mais insignificante apoio do poder civil.

Nésta primeira faze, nós só aspiramos ao estabelecimento de um regímem que garanta a órdem e o progrésso; isto é, nós só queremos a consolidação da ditadura republicana, em vês do parlamentarismo burguezocrático, conciliada com a plena liberdade espiritual, rezultante da abolição de todos os privilégios teológicos, metafízicos e sientíficos, em vês da tirania clerical e acadêmica, sob cujo jugo vivêmos durante sessenta e oito anos.

Quanto ao fato de ter a nóssa bandeira nacional uma legenda e não simples cores e emblemas, ser-me-ia fácil mostrar que a lógica sientífica assim o ezige; porque, para evocar com a mássima intensidade os sentimentos e pensamentos, é precizo o concurso das *imágens e dos sinais*. Óra, nenhum sinal é mais eficáz do que os termos da linguágem humana, que são ao mesmo tempo vizuais e fônicos.

Mas limitar-me-ei a recordar que o emprego das fórmulas nas bandeiras é tão espontâneo que os primeiros cidadãos que sonhárão a independência de nóssa nacionalidade projetárão uma bandeira com a diviza — *Libertas quœ sera tamem.* Si o Brazil se houvésse separado de Portugal em 1789, em vês de fazê-lo em 1822, o pavilhão nacional teria contido éssa legenda.

A única razão para não adotá-la agóra é que éla não define o conjunto da política republicana modérna. A liberdade é uma *condição* e não um *fim;* a liberdade é a condição fundamental justamente da *Ordem* e do *Progrésso*. A diviza atual absórve, portanto, espontâneamente a legenda dos gloriózos inconfidentes.

Devemos, finalmente, ponderar como razão sintética, que o símbolo que obteve a aprovação dos fundadores da República Brazileira, que aliás não são adéptos sistemáticos da Religião da Humanidade, por maióres simpatias que lhes merêção o nome e a óbra de Augusto Comte, não póde de módo algum ser acoimado de sectarismo. E os cidadãos brazileiros que hoje os cércão de justo reconhecimento não pódem olhar sinão com profundo respeito para o emblema que eles julgárão digno de oferecer à veneração nacional.

Péço-vos a publicação déstas linhas em aditamento à apreciação filozófica a que acima aludi.

Saúde e Fraternidade.

R. Teixeira Mendes

10, rua Santa Izabel.
N. no Maranhão (Caxias) em 5 de Janeiro de 1855.

Reeditando os dois artigos que constitúem o prezente opúsculo, aproveitamos o ensejo para dissipar algumas críticas feitas à bandeira da República Brazileira.

A primeira délas consta de um artigo enviado de Paris para a *Gazeta de Notícias*, em que o jornalista, com a leviandade habitual de seu ofício, e com a petulância de quem *decide em sociologia sêm saber arimética*, dís haver-lhe comunicado um astrônomo europeu que os brazileiros estendêramos a revolução ao Céu,

pois que o arranjo das constelações na esféra da bandeira não é o que se obsérva na abóboda sideral. A segunda crítica feita com leviandade não menór e com ares de maiór autoridade rezume-se em increpar a colocação de uma estrela pertencente à constelação da Vírgem.

Quanto à primeira crítica, para verificar a sua pueriilidade basta que qualquér brazileiro ólhe para o céu em uma déstas noites, não passando o tal astrônomo de um pedante, que como todos os de sua laia tem-nos na conta de um país de bárbaros. A sua crítica encontraria respósta adequada si o jornalista brazileiro não pertencesse ao número dos que se envergônhão de sua Pátria, e crêem afirmar a sua superioridade ajudando os pedantocratas estrangeiros a rírem-se de sua nação. Com efeito, cada estrela está figurada em nósso pavilhão como si este fosse um espelho plano em cuja superfície se ponteasse a interseção désta com a réta que une a estrela à respetiva imágem [1]. Isto posto, para tornar mais saliente o espetáculo reprezentado, separárão-se as constelações conservando-se, porem, a sua fórma própria e sua dispozição mútua. O rezultado é que quem conhéce o céu descóbre lógo, ao contemplar a bandeira republicana do Brazil, que ali está figurado o emisfério do Sul quando o Cruzeiro passa no meridiano. [2]

---

1. Esta indicação patenteia a futilidade de outra crítica segundo a qual a bandeira republicana está *errada* por ter as constelações *inversamente* do que se vêem no Céu.

2. Convem notar que partiu de um astrônomo brazileiro cuja competência está ezuberantemente provada a lembrança da alteração de que se trata. Com efeito, o intuito de destacar o *Cruzeiro* sugeriu primeiro apenas a idéia de colocá-lo no meridiano, suprimindo-se as estrelas brilhantes mais vizinhas. Tal foi o pensamento que prezidiu á escolha dos astros que figúrão na bandeira nacional do Brazil. Mas, como ainda assim não ficasse a constelação do Cruzeiro suficientemente realçada, o nósso concidadão Manuel Pereira Reis, a quem foi mostrado o dezenho, ponderou que, tratando-se de um símbolo éra descabida a preocupação de conservar o rigor de uma carta celéste. Eis como se foi levado ao arranjo que prevaléceu.

Depois de ezecutada a bandeira, o mesmo cidadão notou que éla refletia o espetáculo sideral na manhan de 15 de Novembro, às 9 hóras aprossimadamente. É assim que o pavilhão brazileiro, por uma felís coincidência recórda a data glorióza do advento entre nós de uma política francamente republicana.

Objéta o crítico que uma vês que não quizemos copiar uma carta celéste milhór fora ter disposto arbitráriamente estrelas num fundo azul. Mas perguntamos ¿porque seria preferível esse alvitre? Só vemos uma razão: é porque é essa a opinião do crítico.

Para refutar similhante objeção, basta refletir que um símbolo tem que ser julgado segundo o fim que se teve em vista ao instituí-lo. Desde que o alvo a atingir é cultivar o sentimento patriótico pelo incitamento do amor que espontâneamente votamos à região do Espaço que fórma o fundo do quadro da vida cívica, é claro que é precizo que o *símbolo caraterize éssa região.* A discussão só póde versar sôbre o seguinte: ¿convem retraçar servilmente o espetáculo sideral num momento dado, ou em vês désta reprodução, cumpre instituir um *emblema* que o lembre com suficiente energia ? E' claro que o segundo alvitre é preferível porque dést'arte podemos milhór atender a outras necessidades morais.

Assim, por ezemplo, si nós quizérmos reprezentar o Céu dando preponderância à realidade objetiva, em vês de combinar esta com as nóssas ezigências morais, a constelação do Cruzeiro não podia ter nenhum caráter saliente, pois que *objetivamente* não é éla a mais bela do emisfério meridional. Quando, porem, só se quér um símbolo do Céu, capás de emocionar a alma brazileira, basta reprezentar a realidade objetiva com o grau de aprossimação que espontâneamente nos recórde o aspéto do Espaço constelado. Respeitadas as conveniências esteriores fundamentais, que no cazo vertente se rezúmem em tomar o conjunto do aspéto celéste num momento dado e conservar a dispozição geral dos astros escolhidos, somos livres de introduzir as alterações que mais adáptem o símbolo ao seu destino.

Compreende-se que nesse arranjo ha alguma coiza de indeterminado e que fica ao critério de quem institúi o emblema. Mas compreende-se tambem que só o sentimento póde, em última análize, dissipar tal indeterminação. Portanto, uma vês que de um módo geral foi satisfeito o escopo que se tinha em vista, o dever de todo verdadeiro patrióta é prezar o emblema de sua nação em vês de fazer dele um objéto de irrizão. A bandeira argentina tem o sol reprezentado por um rosto humano rodeado de raios, ezatamente a figura que

algumas cazas de comércio tomárão para emblema, mas não consta que alguem houvesse ridicularizado os nóssos vizinhos por isso.

No entanto, a bandeira brazileira institúi um emblema do Céu meridional, e é quanto basta para que se tórne o pavilhão nacional alvo de sátiras fúteis por parte de gente que não se peja de ostentar que *nunca sentiu a necessidade de símbolos e divizas.* Toda a espécie humana até hoje sentiu éssa necessidade, e Augusto Comte, o filózofo que rezumiu em si a sabedoria dos séculos, demonstrou que, de fato, tais instituições rezultárão das leis sientificas que régem nóssa natureza social e moral.

O outro crítico afirma categóricamente que a bandeira está errada, porque a estrela da constelação da Virgem acha-se figurada acima da faixa representativa da zona planetária. E como nós houvéssemos ponderado alhures que assim se havia figurado por tratar-se de uma constelação situada parte ao norte e parte ao sul da eclítica, sendo aliás suficiente uma pequena variação na inclinação da eclítica para que a referida estrela ficasse ao nórte, esclama o referido censor: "Com efeito assim é: si a eclítica *entrasse a ocilar,* dos astros que lhe fícão inferiores alguns poderião ir para cima... Boa dúvida! Mas, deste módo, nada menos seria precizo que uma temeróza perturbação cósmica para que a bandeira nacional estivésse corréta."

E quem escréve isto é um pedagogo que possúi um diploma em virtude do qual déve saber astronomia! ¡Pois um bacharel em matemática e professor de geografia ignóra que todos os elementos que definem o movimento planetário não tem a fixidês que as pessoas estranhas à siência imaginão! Pois já esqueceu que as gravitações planetárias determinão variações nas circunstâncias caraterizadas pelas leis de Kepler! Si assim é, em que péze à sua corágem pedagógica, lhe afirmamos, repetindo as lições dos sucessores de Newton, os ensinamentos dos d'Alembert, dos Lagrange, etc., que o plano de eclítica, como as órbitas de todos os planetas, satélites e cometas, ocila no espaço, sem que isso acarréte nenhuma revolução cósmica. Impossível sem uma revolução na órdem natural seria o milagre de

Jozué, ao qual entretanto o crítico, como filho obediente da igreja católica é obrigado a prestar fé. [1]

Mas independente désta ocilação do plano da eclítica que bastaria para justificar a liberdade estética de imaginar uma inclinação diferente da atual, as leis

1. No mesmo artigo a que está aqui respondendo o Sr. Teixeira Mendes, e que tinha em mira demonstrar sapientemente que *tudo está errado* na República Brazileira, afirmava-se outrossim que a tradução — *saúde e fraternidade* — da fórmula franceza — *salut et fraternité* — tambem estava errada. Sem demorar-me em fazer sobresair a necedade do crítico clerical que em poucas linhas provou desconhecer a um tempo neste ponto o português, o francês e a fonte comum das duas línguas, limitar-me-ei a reproduzir a seguinte definição estraída de um livro clássico:

"*Salut* et *salutation* viennent du latin *salus*, salut, santé, de *salvere*, se bien porter; en sorte que le *salut* ou *la salutation* consiste à dire, portez-vous bien, bonjour, ou À SOUHAITER UNE BONNE SANTÉ." (Lafaye, *Dictionnaire des Synonimes de la langue française*, 5.ª edição.)

E nóte-se que a tradução increpada não constitúi nenhuma novidade indígena surgida com a revolução de 15 de Novembro, pois foi sempre assim vertida em nóssa língua a referida fórmula, e do mesmo módo em espanhol e italiano; como se póde ver especialmente nas traduções de óbras históricas relativas à Revolução Franceza. Os nóssos correligionários inglezes tambem sempre traduzírão a mesma fórmula por *Health and Fraternity*.

Creio que isto basta, não direi para justificar a tradução, que disso não precizava, mas para patentear a consiência e o saber com que éssa gente pretendida católica escréve contra os seus adversários (V. está mesma nóta ampliada, em avulso.)

No mesmo erudito artigo estranhou-se que no decréto do governo provizório relativo aos feriados nacionais se atendesse à correção gregoriana no calendário para a data do descobrimento do Brazil, ao passo que a mesma emenda não se fizéra em relação à data do descobrimento da América.

A respósta é fácil. No primeiro cazo não se fês sinão conservar o costume adotado no Brazil desde a abertura da Constituínte, a 3 de Maio de 1823. Vanhargen que, segundo prezumo, não éra nem republicano nem pozitivista, narrando o dezembarque dos portuguezes nésta porção do continente americano, assim se esprime: "Isto tinha lugar no dia 23 de Abril, cujo aniversário (em virtude da correção gregoriana, em 1582) se déve celebrar 10 dias depois, isto é, a 3 de Maio, conforme entre nós efetivamente se admite." *História geral do Brazil*. 2.ª ed. 1º vol., p. 71.

Não prevalecendo o mesmo motivo para o descobrimento da América, tanto assim que na Europa a celebração do

da mecânica combinadas com as da astronomia permitem planejar modificações no sistema planetário sem nenhuma revolução no mundo. Nimilhantes trabalhos são apenas inexeqüiveis em virtude da fraqueza do poder físico da Humanidade, de muito inferior à sua capacidade mental. Devemos, porem, concebê-los habitualmente para ter um completo sentimento da dignidade humana, já *relativando* a nóssa admiração pela *órdem cósmica*, já concentrando milhór nóssos esfórços de aperfeiçoamento na *órdem moral* onde é mais seguro o êzito da nóssa intervenção, por se tratar de fenômenos mais accessiveis e mais modificáveis.

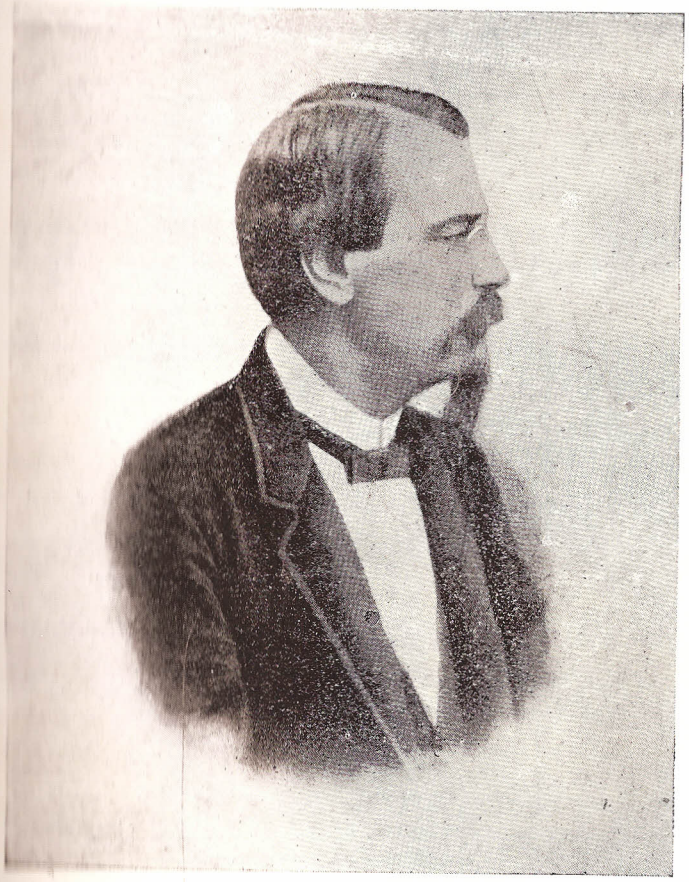
Assim, esta alteração tem a vantágem de popularizar a noção da variabilidade da órdem planetária, noção evidentemente mais importante do que a servil reprodução do *aspéto atual* do Céu.

Os norte-americanos não se preocupárão com uma representação qualquér do Céu quando figurárão estrélas em sua bandeira; e do mesmo módo José Bonifácio, quando instituiu o símbolo imperial. Mas não é isso motivo para que o imitássemos ao delinear o emblema nacional da República Brazileira, desde que a nóssa preocupação não foi como éra a deles indicar únicamente de um módo bélo o *número* de Estados da União Brazileira. O nósso intúito éra simbolizar a nóssa Têrra, o *nósso Céu*, por um lado; e, por outro lado, assinalar *as nóssas aspirações*. E como na antiga bandeira já a Têrra estava caraterizada pelas cores verde e amaréla, só nos restava simbolizar o Céu e condensar em uma *divíza* os vótos de todos os patriótas. Em tais condições é intuitivo que não só a imágem do Céu convenientemente idealizada se nos impunha, mas ainda nenhuma fórmula podia milhór sintetizar as aspirações da alma nacional do que o lema proposto por Augusto

prôximo 4.º centenário desse memorável fato está anunciado para a data juliana, o Governo provizório procedeu avizadamente conservando o dia 12 de outubro para a comemoração desse descobrimento. A correção gregoriana não tendo neste cazo a justificativa dos hábitos estabelecidos, denotaria apenas uma preocupação de ezatidão objetiva tão descabida quanto desnecessária.

MIGUEL LEMOS.

Vede a publicação n. 198. (Nóta da 2.ª edição).



BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES
Fundador da república brasileira

N. 147

APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por principio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.

Viver às claras. Viver para oûtrem. Órdem e Progrésso.

ARTIGOS EPIZÓDICOS

PUBLICADOS DURANTE O ANO DE 1892 E PRIMEIRO SEMESTRE DE 1893.

QUARTA SERIE

A QUESTÃO DA BANDEIRA

POR

MIGUEL LEMOS

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Capela da Humanidade
74, rua Benjamin Constant, 74
OUTUBRO DE 1894
Ano CVI da Revolução Franceza e VI da Republica Brazileira

ADVERTÊNCIA

Os artigos que seguem forão respetivamente publicados nas colunas ineditoriais do *Jornal do Comercio*, numeros de 18 de Junho, 4, 9, 11 e 14 de Setembro, 5 de Outubro de 1892, e 7 de Abril de 1893.

Os incidentes que determinárão tais publicações achão-se assim narrados em minha *Duodecima Circular Anual*:

"Chegamos agora a outra campanha que tivemos que sustentar para defender a bandeira nacional, que novamente se procurou mudar.

"Desta vez a iniciativa partiu de um deputado, militar, secretario e amigo pessoal do Chefe do Estado. Aprezentou ele á Camara um projeto de lei, assinado por outros colegas, modificando o pavilhão republicano, de modo a fazer dezaparecer dele a calote esferica com a diviza — *Ordem e Progresso*. Era evidente que era este o alvo principalmente vizado, por cauza de sua origem positivista. Este deputado não o ocultou de resto, pois que pretendeu justificar sua proposta dizendo que, visto essa diviza pertencer a uma certa seita religioza, "respeitavel aliás pela elevação de seus principios", não convinha que figurasse no numero dos emblemas nacionais. Confessou entretanto que a concepção da atual bandeira era, não só irrepreensivelmente sientifica, mas que ela traduzia ainda o ideal mais nobre a que um povo podia jamais aspirar.

"O sinal estava dado. Animadas discussões travárão-se desde logo sobre o assunto, e todos os rancores imperialistas, clericais, e metafizicos se dezencadeárão novamente, e com redobrado impeto, contra a bandeira

nacional. Os nossos adversarios contavão seguro o triunfo, porquanto as relações intimas que se sabião existir entre o autor do projeto e o Chefe do Estado fazião supôr que este queria tambem a mudança proposta; muitos dizião, até, que o referido deputado procedendo assim obedecia apenas ás ordens do Vice-Prezidente da Republica. O fato é, como esse mesmo deputado o declarou pouco depois em publico, que o Sr. Floriano Peixoto era, com efeito, pessoalmente favorável ao projeto de seu secretario, para o que invocava igualmente a origem pozitivista da diviza nacional. Porem esta imprudencia e falta de tino politico da parte do Chefe do Estado não derão a vitoria aos nossos adversarios, sendo eles obrigados a reconhecer, como vamos ver, que nem sempre basta ser o primeiro magistrado de uma Republica para conseguir o bom exito de projetos capazes de levantar a reprovação dos elementos ativos, dos apoios necessarios dessa mesma Republica.

"Como era facil de supôr, desde o começo desta nova campanha tomamos a defeza da bandeira nacional. Refutamos sem custo todos os sofismas forjados pelos nossos adversarios para justificarem a mudança proposta, e como o autor da propozição houvesse telegrafado a todos os governadores solicitando-lhes a opinião sobre o seu projeto, dirigi eu tambem aos mesmos governadores um telegrama anunciando-lhes que, respondendo a uma manifestação popular que acabava de se realizar nesta cidade, o Sr. Floriano Peixoto se havia pronunciado a favor da manutenção da atual bandeira. Eu fundava-me numa noticia editorial publicada a este respeito pelo *Diario de Noticias*. Isto, entretanto, não era inteiramente verdade. As palavras atribuídas ao Vice-Prezidente da República forão mal comprehendidas. E para retificar o sentido de tais palavras, o referido deputado publicou outro telegrama dirigido tambem aos governadores, afirmando que o Chefe do Estado era pessoalmente favorável á mudança, e pelos mesmos motivos.

"A consulta aos governadores dos Estados não produziu um rezultado decizivo para a cauza de nossos adversarios, porque um certo numero dessas autoridades, e das mais conspicuas pelo seu republicanismo, dirigírão-me pelo telegrafo respostas contrarias a qualquer alteração da bandeira atual. Tais forão os governadores do Amazonas, do Pará, do Ceará, de Pernambuco e do

Espirito-Santo. O de Santa-Catarina tambem telegrafou-nos no mesmo sentido, como ficou consignado na edição franceza desta circular, mas a criminoza cumplicidade dessa autoridade na atual revolta tira ao seu testemunho todo valor republicano.

"Era claro, porem, que reduzidos a nós mesmos, nós não conseguiriamos salvar o emblema legado por Benjamin Constant á sua patria. Felizmente, grande numero de bons republicanos, embora estranhos á influencia pozitivista, tomárão a defeza do pavilhão condenado, julgando pelo menos inoportuna toda mudança a esse respeito. Mas a nota vibrante e deciziva foi dada pelos ex-alunos de Benjamin Constant, da Escola Superior de Guerra. Esses jovens oficiais publicárão um protesto que repercutiu como um toque de clarim no meio da gritaria e das intrigas de nossos adversarios. Nada pôde demover esses moços (e não se deixou para isso de empregar ora as ameaças, ora as lizonjas) duma atitude que eles acreditavão lhes ser exigida por um dever iniludivel de fidelidade e de veneração para com o Mestre dezaparecido. O autor da proposta tentára, com efeito, novo meio para salvar sua cauza. Dirigira-se a todos os comandantes de batalhões e chefes de guarnições consultando-os sobre a substituição projetada. Esperava poder assim opôr o grosso do exercito á elite da mocidade militar e civil. Esta nova inconveniencia, que não pôde aliás ser cometida sem a aprovação do Chefe do Estado, não teve o rezultado esperado. O numero de respostas favoráveis á conservação da bandeira atual foi por tal fórma consideravel e significativo que os nossos adversarios ficárão desnorteados. A partida estava vizivelmente perdida para eles, mas nem por isso abandonárão logo o campo. Recorrêrão a outro processo. O referido deputado propoz então á Camara que a meza dessa corporação se encarregasse, durante as ferias parlamentares, de obter de todas as Municipalidades e Assembléias dos Estados do Brazil sua opinião sobre a mudança da bandeira. Era um ultimo esforço, mas em pura perda. A sessão tocava ao fim, e não tardou em ser encerrada sem que a nova proposta fosse incluida na ordem-do-dia. A questão estava definitivamente enterrada. Por outro lado, a maioria da Camara tivera tempo de reconhecer a inoportunidade política de similhante mudança.

"O assunto não foi retomado na ultima sessão; não se falou mais nisso, e a bandeira nacional que parecia votada a naufragar esta vez sob o pezo de uma poderoza coligação, a cuja frente colocara-se o Chefe do Estado, reergueu-se mais forte do que nunca, sustentada por tudo quanto havia de mais puro e de mais dedicado nos arraiais dos verdadeiros republicanos.

"Antes, porem, de travar-se esta grande batalha, um incidente carateristico em que figurou o Bispo desta cidade serviu, por assim dizer, de preludio às hostilidades.

"Um batalhão da Guarda Nacional teve a infeliz idéia de solicitar desse prelado a benção de sua bandeira. O Bispo recuzou, declarando ao comandante que não podia abençoar uma bandeira em que se ostentava a diviza de uma "seita". Como este incidente cauzou certo rumor, julguei dever demonstrar que o Sr. Bispo laborava em erro qualificando assim essa fórmula, sem deixar, porem, de plenamente reconhecer-lhe o direito que lhe assistia de recuzar seu ministerio ecleziastico sempre que isso pudesse ir de encontro á sua consiencia. Ao mesmo tempo, fiz sobresahir a conduta inconveniente e ilegal desse comandante, perzistindo em solicitar, a exemplo de muitos outros funcionarios publicos, consagrações religiozas para atos da vida oficial, num regimen politico fundado sobre a completa separação da Igreja do Estado."

MIGUEL LEMOS,

Diretor do *Apostolado Pozitivista do Brazil.*

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA
Patriarca da Independência
Autor da bandeira imperial do Brasil

APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRAZIL

Ardere, lucere, & dirigere.

A Questão da Bandeira

I

Segundo narra o *Jornal do Comercio* em seu numero de hoje, o cidadão Bispo desta dioceze negou-se a benzer a bandeira do segundo batalhão de infantaria da Guarda Nacional, motivando a sua recuza no fato de existir no pavilhão republicano um emblema ou simbolo pozitivista.

Começaremos por declarar que reconhecemos ao cidadão Bispo, como a qualquer outra autoridade espiritual, o plenissimo direito de negar o seu concurso sacerdotal todas as vezes que este lhe fôr solicitado em condições de repugnarem ás suas convicções e aos escrupulos de sua consiência. Por conseguinte, si ao Sr. Bispo parece-lhe antagonico com as suas crenças abençoar a bandeira nacional, não temos sinão aplauzos para a sinceridade do seu procedimento. Tal atitude, leal e franca, nos merece mais respeito e simpatia do que a habitual conduta dos diversos cleros teologicos na culpoza condecendencia com que prestão o concurso de suas funções espirituraís.

Mas si confessamos de plano a faculdade que tem o Sr. Bispo de conceder ou negar, a seu juizo, o respeitavel ministerio que exerce, e si sinceramente simpatizamos com a sua atitude rezoluta, não podemos comtudo

deixar passar sem protesto as suas palavras quando aludiu a emblemas ou simbolos pozitivistas da bandeira nacional.

Vamos mostrar em poucas linhas que o modo por que se exprimiu o Sr. Bispo é, alem de injusto, destituido de todo fundamento razoavel.

Na bandeira nacional existem trez elementos principais; as cores e sua distribuição, a esfera estrelada, e a diviza — *Ordem e Progresso.* O primeiro destes atributos não sofreu nenhuma alteração; as cores nacionais são hoje as mesmas que erão desde 1822, e ficárão distribuidas da mesma fórma, de modo a significarmos assim a continuidade de nossa existencia patria atravéz das mudanças dos sistemas de governo. A esfera semeada de estrelas, tendo o Cruzeiro no centro, si bem que não existisse na antiga bandeira, tem ahi um antecedente, a esfera armilhar conservada desde o tempo colonial. Tal emblema, porem, não pertence ao pozitivismo; foi imaginado para conciliar a necessidade de reatar o novo estandarte ao passado com o simbolismo tradicional que vê na constelação austral, acima mencionada, o signo de nossa nacionaliade.

Resta a diviza — *Ordem e Progresso*. Esta, é verdade, foi formulada, explicada e proposta aos povos e governos ocidentais por Augusto Comte. Segue-se dahi, porem, que ela não possa ser aceita por quem não seja pozitivista? Certamente que não. O que essa diviza exprime está ao alcance de todos de um modo sintetico, e o admití-la não supõe a aceitação de determinado sistema filozofico ou religiozo. Tal formula resume as aspirações comuns a todos os nossos concidadãos, sem distinção de crenças religiozas, e por isso mesmo nenhuma outra poderia traduzir melhor a unificação civica de todos os brazileiros, como dezeja o Sr. Bispo.

Pelo fato de ter Augusto Comte fundado uma doutrina filozofica e religioza, seria absurdo pretender que nenhum dos principios por ele formulados ou demonstrados possa ser aceito pelo conjunto dos homens, embora se reconheça a verdade de tais principios. A aceitação de tais lemas não importa de fórma alguma a adhezão ao sistema correspondente; do mesmo modo que o admitirmos hoje as verdades ensinadas na antiguidade por um Aristoteles ou um Archimedes não envolve necessariamente a aceitação das idéias filozoficas ou religiozas peculiares a esses dois sabios.

A questão, portanto, não é saber si o autor desta ou daquela descoberta, si o formulador deste ou daquele principio, é ao mesmo tempo o fundador de um sistema religiozo; o que cumpre examinar é si, abstrahindo desta circunstancia, o principio considerado é ou não aceitavel, si deve ou não ser incorporado ao capital intelectual de nossa especie.

Ora, posta a questão nestes termos, ninguem de boa fé e suficientemente esclarecido poderá sustentar, como aliás o temos demonstrado frequentes vezes, que a aceitação oficial da diviza — *Ordem e Progresso,* e sua inscrição na bandeira nacional, constituão por si um ato de adhezão ao sistema pozitivista; e, portanto, ninguem póde caracterizar similhante diviza, qualificando-a de emblema de uma seita.

Essa bandeira é hoje o simbolo nacional, e como tal merece o respeito de todos quantos sinceramente aceitão a transformação republicana. Ela constitúi o legado deixado á sua patria por Benjamin Constant, e cremos que não seremos acoimados de impertinentes si dissermos que ninguem, nem mesmo os Srs. bispos do Brazil, póde pretender a melhores creditos de patriota do que o benemerito Fundador da Republica.

E' verdade, como lembrou o Sr. Bispo, que as nossas bandeiras vitoriozas da guerra do Paraguai forão benzidas pelos reprezentantes nacionais da Igreja Catolica. O Sr. Bispo, esqueceu-se, porem, de dizer que as bandeiras gloriozas dos vencidos tambem forão consagradas pelos sacerdotes catolicos daquela republica. E poderia ter acrecentado que ao tempo que aqui o clero oficial entoava preces ao Deus dos exercitos, pedindo a vitoria para os nossos, no Paraguai o mesmo clero solicitava desse Deus o triunfo para os seus compatriotas...

Retificado assim o conceito erroneo do cidadão Bispo do Rio de Janeiro, só nos resta lamentar que ao pavilhão nacional não fosse poupada a humilhação por que acaba de passar. Entretanto, facilmente se teria evitado similhante desfeita, si o governo e as corporações oficiais soubessem comprehender e praticar, como não temos cessado de lhes pregar, o dever de se absterem de manifestações religiozas no atual regimem de separação da Igreja do Estado. Si os corpos da Guarda

Nacional, si o comandante geral desta, si o Ministro respetivo e si o proprio Prezidente da Republica se tivessem esforçado por zelar, como lhes cumpria, a execução da lei, o incidente que deploramos não se teria dado.

Tal lição, por outro lado, não podia vir mais a propozito. A atitude francamente hostil do Sr. Bispo do Rio de Janeiro, coincide com a indesculpavel fraqueza do nosso Governo, querendo conservar a todo o tranze, sob pretextos futeis, a nossa legação junto ao Vaticano, e isto a despeito das votações decizivas e carateristicas do Congresso Nacional.

E' ainda tempo de retroceder e de inspirar-se no digno exemplo de sinceridade e de coherencia que nos acaba de dar o Sr. Bispo diocezano, quazi no mesmo dia em que o Prezidente da Republica recebia no seu palacio, com a maxima gentileza e com todas as honras do estilo, o novo enviado da Santa Sé.

Fazemos votos para que o nosso Governo aproveite a lição, de modo que possa continuar a merecer as simpatias e o apoio de todos os patriotas.

II

Acaba de ser aprezentado á Camara dos Deputados um projeto de lei alterando a nossa bandeira nacional.

Julgamos inutil reproduzir mais uma vez o que já temos publicado em defeza do novo simbolo, quer por ocazião de ser ele decretado, quer a propozito das varias tentativas feitas até hoje para o alterar ou suprimir. Limitamo-nos, pois, a remeter para esses escritos todos os que dezejarem estudar imparcialmente o assunto.

Mas si apezar de tudo, a alteração projetada fôr levada a efeito pelo Congresso Nacional e pelo Chefe do Estado, será isso apenas a prova evidente de que o nivel mental e moral das influencias a que hoje está entregue a direção politica de nossa Patria não comporta similhante simbolo, que para muitos até fará o efeito de pungente remorso, como já se afigura a outros amarga ironia.

Nós continuaremos, como até agora, a trabalhar dezinteressadamente, e com redobrado fervor para que esse nivel possa, enfim, conciliar-se com a elevada significação desse simbolismo, que parece, de fato, não ser o mais adequado á atualidade.

Para remate e confirmação do que deixamos dito, seja-nos permitido transcrever aqui as palavras com que finalizavamos um artigo nosso sobre o assunto, escrito quando ainda dominava o duumvirato Deodoro-Lucena, que tambem projetou atentar contra a bandeira republicana:

"Essa bandeira, contra a qual se congregão os odios metafizicos, clericais e sebastianistas, é hoje sagrada para todos os verdadeiros patriotas. Proposta por Benjamin Constant ao Governo Provisorio quatro dias depois da revolução, ela envolveu-lhe o corpo ao ser este conduzido para o tumulo que amargas decepções cavárão prematuramente.

"Conservada, essa bandeira lembrará sempre os intuitos e os serviços daquele que fundou a Republica; banida, ela ficará, sob a guarda dos que não descrêm do futuro, como um protesto contra a degeneração da obra do egregio patriota e como um rezumo do programa reprezentado pelas elevadas e civicas inspirações que o impelírão a transformar, com o auxilio de um general prestigiozo, uma sedição militar iminente em uma revolução republicana; ela voltará quando o espirito de Benjamin Constant voltar a prezidir os destinos da Republica." (1)

III

Vimos publicado nas folhas de hoje um telegrama que o Sr. deputado Valadão, autor do projeto modificando a bandeira nacional, acaba de dirigir aos governadores de todos os estados, pedindo-lhes que com urgencia se manifestem sobre "tão delicado assunto".

O Sr. deputado explica a sua consulta pelo dezejo de encaminhar a materia de acordo com a opinião nacional; e, naturalmente, para facilitar esse pronunciamento, lembra, ao mesmo tempo, que ha quem opine pela bandeira que foi hasteada a 15 de Novembro no paço municipal, e que é apenas uma copia servil do pavilhão da republica Norte-Americana.

Louvando os intuitos do nosso concidadão, observaremos em primeiro lugar, que similhante meio de

(1) V. *Artigos Epizodicos publicados durante o ano de 1891*, pgs. 8-10.

obter o *veredictum* da opinião nacional é completamente iluzorio e pueril. Todo o mundo dirá de antemão que cada governador ha de responder segundo as suas preferencias pessoais, e a soma destas não reprezentará certamente a sentença da opinião publica.

Mais do que todos os governadores prezentes e futuros, mais do que todos os eleitores deste vasto paiz, Benjamin Constant, a quem devemos a bandeira republicana, reprezentou a opinião nacional a 15 de Novembro de 1889. Quem mais competente para dar á nova republica nesse momento oportuno o seu pavilhão do que o heroi que fôra a alma e o organizador do movimento que triunfou nessa data?

Triste cópia daremos de nós mesmos aos olhos das nações estrangeiras, mudando, sem nenhuma transformação politica, a bandeira com que a revolução brazileira se aprezentou concretizada ao mundo, e que foi saudada com entuziasmo por essas nações, justamente por cauza da sugestiva diviza nela inscrita!

Em segundo lugar, si o Sr. Valadão queria de fato que os governadores dos Estados se pronunciassem consienciozamente sobre a nova bandeira a adotar-se, não devia ter-se limitado a lembrar a que foi hasteada na Camara Municipal, mas devia ter recordado todos os outros modelos propostos até hoje.

Por outro lado, o Sr. Valadão concorda em que a bandeira atual *está sientificamente delineada, e que exprime o que de melhor póde aspirar um povo,* mas acha que ela não convêm, porque, apezar de tudo isso, "ela é, e será *ainda por muito tempo,* considerada como a bandeira de uma seita digna do maior respeito pela elevação de seus principios, mas que está longe de ser da maioria dos brazileiros."

Assim, é o próprio autor da mudança da bandeira nacional quem confessa ter sido esta imaginada de acordo com a siencia e exprimir as melhores aspirações de um povo. Mais rasgado elogio e melhor defeza do simbolo republicano não poderiamos nós fazer, e custa a crer como é que quem assim pensa pretenda ao mesmo tempo alterá-lo ou suprimí-lo.

A razão com que se procura justificar tão evidente incongruencia de conduta é destituida de todo fundamento sério. Por mais de uma vez temos refutado esta arguição que consiste em acoimar de *pozitivista* a bandeira nacional por conter ela a diviza — *Ordem e Progresso.* Noutro lugar desta seção mandamos hoje reproduzir os trechos de um artigo nosso, publicado não ha muito tempo, no qual mostramos a nenhuma consistencia de similhante argumento. Para lá remetemos o leitor. (1)

Mas o Sr. Valadão não satisfeito com fazer á bandeira atual o mais pompozo elogio que é possivel fazer-se ao pavilhão de uma nação, parece tambem acreditar que mais tarde, si bem que daqui a muito tempo, essa bandeira virá a ser a da maioria dos brazileiros.

Folgamos de ver assim compartilhada por pessoa tão insuspeita no assunto, a convicção em que estamos, e que não temos cessado de externar, de que ainda que a atual bandeira fosse banida, graças á coligação dos odios metafizicos, clericais e sebastianistas, ela teria de voltar quando a Republica Brazileira, pela elevação do nivel mental e moral das classes dirigentes, retomasse a diretriz em que foi a principio lançada pelo alevantado impulso de seu intemerato Fundador. Mas si havemos de retomar um dia a bandeira de Benjamin Constant, para que mudá-la agora, oferecendo assim ao nosso povo e ás nações civilizadas o espetaculo deprimente de uma instabilidade que se manifesta pelos tentamens os mais pueris; e favorecendo, ao mesmo tempo, por tal conduta, as intrigas e os planos dos inimigos da Republica? A revolução brazileira parece estar assim desfazendo a sua propria obra, alentando as esperanças daqueles que de mutações em mutações acreditão que havemos de retrogradar até á restauração da monarchia.

Cumpre-nos tambem agradecer ao Sr. Valadão a maneira digna e deferente por que aludiu a nós, encarecendo a elevação dos nossos principios. Esqueceu, porem, de ajuntar a este predicado, os serviços prestados pela nossa influencia espiritual na tranformação republicana e a que exercemos para dezafrontar a lei e restaurar a liberdade no movimento de 23 de Novembro ultimo. A recordação de tais serviços não é descabida, já que se pretende justificar a supressão da bandeira atual sob o unico pretexto de ter sido ela inspirada pelos pozitivistas brazileiros.

(1) É o primeiro artigo desta serie.

Finalmente, notamos no telegrama do Sr. Valadão uma grave lacuna. Referimo-nos á entuziastica manifestação popular realizada nesta cidade no dia 7 de Setembro ultimo, e que teve por objetivo principal pedir ao Vice-Prezidente da Republica a manutenção da bandeira nacional, mostrando-se o Chefe do Estado favoravel a tal conservação.

Esta omissão afigura-se-nos tanto mais de lamentar quanto passando o Sr. Valadão por amigo particular do Vice-Prezidente da Republica, poderião os Governadores ser induzidos a crêr que a idéia da mudança da bandeira partia do Chefe do Estado, ou que, pelo menos, este não lhe era infenso.

Apezar de pobres e de não dispôrmos do telegrafo federal, procurâmos preencher imediatamente tão grave lacuna, telegrafando esta manhan aos Governadores de todos os Estados, informando-os da manifestação de antes de hontem e comunicando-lhes a opinião atribuída ao Vice-Prezidente da Republica, conforme a local publicada no *Diario de Noticias* de hontem. (1)

Sejão quais forem as respostas dos Governadores á consulta que lhes dirigiu o Sr. Valadão, continuaremos a pensar que a bandeira da Republica não será banida, si prevalecerem, como esperamos, a gratidão nacional, o patriotismo, e o bom-senso politico.

IV

Conquanto não tivessemos solicitado nenhuma resposta ao telegrama que dirigimos aos Governadores dos Estados, e de que nos ocupâmos no nosso ultimo artigo, recebemos hontem á noite os trez telegramas abaixo transcritos:

Do Governador do Paraná. — Agradeço comunicação. Mandei publicar telegrama.

Do Governador de Pernambuco. — Ao Sr. Miguel Lemos. Rua Benjamin Constant, Rio. — Fiz publicar vosso telegrama. Não comprehendo como é que amigos do venerado Benjamin ouzão pensar em mudar bandeira que ele aceitou como capaz de sintetizar aspirações brazileiras. Espero que esse projeto sacrilego não passará. Saudo-vos — *Barboza Lima*.

Ao cidadão Miguel Lemos. — Cauzou agradavel impressão noticia Floriano ser contrario mudança bandeira. Aqui todos esperão primeiro congresso Republica não queira nodoar-se adotando medidas retrogradas e antagonicas com o nosso regimen, como mudança bandeira, supressão dias consagrados á comemoração datas republicanas. — Tenente *Machado*, Prezidente do Estado de Santa Catarina.

Depois de escritas estas linhas, recebemos mais o seguinte telegrama:

Do Prezidente do Ceará. — Sou contrario qualquer modificação bandeira nacional. — *Bezerril*, Prezidente.

(1) V. nos Anexos o telegrama e o local a que aludiamos aqui.

V

O Sr. Deputado Valadão publicou hoje um telegrama que expediu para os Estados contestando o que endereçâmos ha dias aos Governadores para informá-los da manifestação havida nesta cidade no dia 7 do corrente, e comunicar-lhes a resposta atribuida nessa ocazião ao Marechal Floriano Peixoto.

Como já o dissemos no artigo que publicâmos nesta folha no dia 10 do corrente, bazeâmo-nos para isto na local publicada no dia 8 pelo *Diario de Noticias* e que até hoje não fôra contestada.

Salva assim a nossa boa fé, não temos duvida em aceitar a retificação oferecida pelo Sr. Valadão, cumprindo-nos apenas lamentar mais uma vez a atitude dubia que o Sr. Vice-Prezidente da Republica prefere guardar a respeito de quazi todas as questões.

E do mesmo modo deploramos que "como simples cidadão" compartilhe dos preconceitos e erros explorados contra a bandeira nacional, apezar dos contatos frequentes que tem tido com um punhado de moços, dicipulos de Benjamin Constant, prozelitos do Pozitivismo, e que tanto se devotárão para erguê-lo no dia 23 de Novembro como restaurador da lei.

O Sr. Marechal Floriano Peixoto declarou ao nosso colega Teixeira Mendes, quando este foi pedir-lhe providencias contra os obstaculos ilegais levantados pela Mizericordia á comemoração civica do Fundador da Republica, que *pedia licença para dizer que ninguem*

venerava mais a memoria de Benjamin Constant do que ele.

Ora, a veneração, como qualquer outro sentimento, prova-se por atos e não por palavras.

Infelizmente a sua atual opinião "como simples cidadão" acerca da projetada mudança da bandeira nacional, como a sua atitude anterior em face da violação da liberdade de cultos por uma confraria clerical, demonstrão que essa veneração é bem debil e que nem siquer chega para estimular-lhe a clara percepção das complicações politicas envolvidas nestes incidentes.

Seja como fôr, o triunfo final das boas cauzas não depende da vontade de ninguem, mesmo tratando-se de uma doutrina como a nossa que se preza de acatar os depozitarios do poder publico, abstrahindo de personalidades e tendo sempre e unicamente em vista o bem geral.

P. S. — Não fomos nós os unicos a telegrafar para os Estados no sentido contestado hoje pelo Sr. Valadão. Com efeito, temos á vista o *Correio Paulistano* de 10 do corrente, onde vem um telegrama do Rio, datado de 7, e expedido pelo correspondente daquele jornal, que ignoramos quem seja, dizendo tambem que o "Marechal Floriano, respondendo á saudação popular, declarou ser contrario á mudança da bandeira nacional.

VI

Publico em seguida o telegrama que hoje recebi do Estado do Amazonas, via Belem:

Cidadão Miguel Lemos. Apostolado Pozitivista. Rio. — O Governador, secretario do Estado, grande numero de amigos militares e paizanos estão do vosso lado na manutenção da atual bandeira da Republica. Manaus, 1 de Outubro de 1892. — *Serejo,* secretario do Estado.

Como já tive ocazião de o dizer, ao publicar anteriormente outros telegramas que me forão endereçados sobre o mesmo assunto, nenhuma consulta dirigi aos Governadores, ou às guarnições dos Estados, acerca da projetada mudança da bandeira nacional, sendo, portanto, inteiramente espontaneas as declarações que tenho recebido e publicado, condenando essa infeliz tentativa, tão mal concebida, como dezastradamente encarreirada pelos seus autores.

VII

Na *Cidade do Rio* de 9 de Fevereiro ultimo, foi publicado o seguinte:

"Sobre a epigrafe — *A Bandeira Brazileira* — comunica-nos o nosso colaborador Dr. Antão de Vasconcelos:

Quando um dos diarios desta Capital consultou em plebiscito, *O Paiz,* (1) sobre a bandeira brazileira, eu, em carta dirigida á redação daquele jornal, disse "que a bandeira devia ser mudada, porque estava de pernas para o ar, devendo achar-se a constelação do Cruzeiro do Sul, sobre a faxa que marca o Equador, (2) visto ser o pólo do Sul, o que está em cima para nós, que estamos no hemisferio austral.

"Aquele jornal anotou a minha carta que foi publicada, com esta cota: — *Monarchista confesso, com pretenções a astronomo.*

"Como gosto sempre de confundir a ignorancia, consultei a Sociedade Astronomica de França, e eis a resposta que me chegou hoje no jornal *L'Astronomie*:

"Mr. Antão de Vasconcelos, à Rio de Janeiro. — Vous avez parfaitement raison; le drapeau du Brésil, portant la croix du Sud, audessous de sa bande equatoriale, est à l'envers pour les habitants du Brésil. Logiquement, les habitants de l'hemisphère austral devraient mettre le Sud en haut".

"Vai com vista ao governo, que deve mandar endireitar a nossa bandeira, que, de pernas para o ar, nada significa.

E' justo, portanto, que o governo tome uma deliberação: mude a bandeira... ou mude os pólos, o que me parece mais fácil. — *H. Antão de Vasconcelos.*"

---

(1) Não foi o *Paiz,* e sim o *Figaro.* — *M. L.*

(2) A faxa branca onde está inscrita a diviza — *Ordem e Progresso,* não é tal o equador, mas a eclitica. Este erro foi repetido pelo orgão da Sociedade Astronomica de França, naturalmente por culpa de seu infeliz informante, na resposta adiante transcrita. — *M. L.*

Ao contrário do cidadão advogado que assina o comunicado supra, nós não nos comprazemos em confundir os ignorantes, por dois motivos: 1.º, porque estes, sendo em grande numero, tal prazer se transformaria breve em pezado encargo; 2.º, porque isso não se compadeceria com os intuitos altruistas de nossa missão social. Prezamo-nos até de respeitar todo ignorante moralmente digno, e, em geral, temos mais apreço pelo homem do povo, baldo de instrução, do que pelos letrados e plumitivos que por ahi andão doutrinando as massas, sem preencherem nenhuma das condições intelectuais e morais, exigidas por similhante função.

Mas, quando a ignorancia, diplomada ou não, com letras ou sem elas, desconhece-se a si mesma, ao ponto de querer fazer predominar os seus ditames em assuntos que interessão o bem publico, então não ha remedio sinão esclarecer os nossos concidadãos menos instruidos, porem de boa fé, afim de que não sejão vitimas de perigozos embustes. E por isso somos obrigados muitas vezes, atendendo á importancia da materia e a facilidade com que hoje tal mistificação póde ser levada a efeito, a tomar em conta afirmações que em uma sociedade em que as luzes sientificas estivessem um pouco mais derramadas, só poderião determinar o descredito irremediavel dos seus autores.

O cazo que motiva estas linhas oferece uma prova frizante do que acabamos de dizer. Aos que possuem noções precizas de astronomia basta o simples enunciado da critica que constitûi o objeto do artigo acima transcrito, para que possão ajuizar imediatamente da circumspeção e competencia de quem a formulou. Mas esses formão entre nós um pequeno numero, e, em geral, não fazem parte da classe que costuma discutir os negocios publicos. D'ahi rezulta que a questão fica entregue unicamente aos jornalistas de profissão ou amadores, que se esforção por fazer prevalecer o ponto de vista que mais se coaduna com os interesses e as paixões a que cada um deles serve de órgão, certos de que o publico que os lê entende tanto dessas materias como eles proprios.

Ante o novo ataque dirigido contra o pavilhão republicano, julgâmos que o meio mais eficaz de, por nossa vez, "confundir a ignorância", já que o bem publico exigia essa confuzão, seria precindirmos de qualquer

resposta nossa, limitando-nos a obter o parecer de autoridades incontestadas na sciencia em que a objeção pretendia haurir os seus elementos. Nesse intuito dirigimo-nos, por intermedio de dois amigos nossos, aos Srs. Manuel Pereira Reis, lente de astronomia da Escola Politecnica, e L. Cruls, diretor do Observatório Astronomico. Abaixo publicamos os pareceres que estes dois conspicuos profissionais se dignárão lavrar, sem a minima hezitação.

O publico, depois de os ler, ha de necessariamente concluir que quem está "de pernas para o ar" não é com certeza a bandeira nacional, que continúa, imaculada e nobremente sugestiva, a recordar o grande feito e os eminentes predicados da alma do Fundador da Republica.

Eis aqui os pareceres a que acima nos referimos:

Sr. Dr. Tasso Fragozo.

Respondendo á vossa carta em que me pedis manifeste minha opinião acerca da orientação dada á projeção do hemisferio celeste na bandeira nacional, por ter-se afirmado ser ela errada, e havendo mesmo a Sociedade Astronomica de França declarado ser ilogica a mesma orientação, apresso-me em satisfazer o vosso pedido, restringindo-me estritamente aos termos da consulta.

Sou de parecer que não tem fundamento as supraditas criticas.

Com efeito, pela descrição da referida projeção, vê-se que ela reprezenta o aspeto da abobada celeste no momento em que a constelação do Cruzeiro passa no meridiano, achando-se, portanto, nesta ocazião, simultaneamente o pólo abaixo e a eclitica acima da mesma constelação; supôr, pois, o norte na parte superior da projeção e o sul na parte inferior, é simplesmente adotar as convenções uzadas para os mapas geograficos. E tanto assim é que a propria Sociedade Astronomica de França o deixou entender quando disse que o dezenho podia se justificar, pois que se tinha o habito de reprezentar o globo terrestre com o Norte acima.

Quanto a querer, na projeção, colocar o pólo sul acima, teria a desvantagem de aprezentar o céu em pozição inversa áquela em que o vemos, pois que, não

sendo, na latitude do Rio de Janeiro, o Cruzeiro uma constelação circumpolar, nunca vemos esta abaixo do pólo, na sua passagem meridiana, e sempre acima. — *L. Cruls*.

—

Os habitantes da terra devem ver o globo terrestre de um mesmo modo. Forão os habitantes do hemisferio norte, os que, considerando a terra em primeiro lugar, colocárão-na sempre vista com o pólo norte para cima. Esta dispozição verifica-se em todas as cartas geograficas que até hoje tenho visto, de qualquer dos hemisferios; mesmo em geral nas plantas topograficas. A carta do Brazil tem sido publicada por diversas vezes pelo governo, sempre com o pólo sul para baixo; e ninguem até hoje levantou censura alguma. As cartas de todas as provincias até 1889, e depois as dos Estados têm sempre seguido esta dispozição. Si nas cartas terrestres esta colocação tem sempre sido invariavelmente respeitada, não vejo razão de especie alguma para que em relação ao céu seja ela alterada.

Desde 1881 que professo astronomia na Escola Politecnica. Todas as vezes que tenho de figurar na pedra a esfera celeste, faço-o sempre colocando o hemisferio norte para cima; declarando ao auditorio que assim procedo, não só porque é uma dispozição universalmente aceita, como porque é um sinal de homenagem que o hemisferio sul presta ao hemisferio norte, de onde tudo recebeu.

Quanto ao parecer da Sociedade Astronomica de França, para mim não merece consideração. Os francezes credores de veneração são os que contribuírão para a fundação da astronomia: nem todos os contemporaneos são sempre merecedores de acatamento.

Si o pólo sul fosse na bandeira colocado para cima, eu lavraria meu protesto de acordo com o modo de proceder no curso de astronomia da Escola Politecnica. A logica que deve impôr a colocação do pólo sul para cima na bandeira da Republica, deve tembem servir para a carta geografica do Brazil. Entretanto o Sr. Antão de Vasconcelos nunca reclamou para este cazo; nem tão pouco a Sociedade Astronomica de França nunca reclamou para as cartas geograficas do hemisferio sul publicadas na França.

Quanto a mim, tudo isso não passa de pura e simples opozição á Republica. — *Manuel Pereira Reis*, lente de astronomia da Escola Politecnica. Março 14, 1893.

*
* *

Post-Scriptum. — Relidos os documentos que precedem, depois de recopiados para serem impressos neste jornal, tivemos curiozidade de lêr na revista — *L'Astronomie* — o texto reproduzido pelo Sr. A. de Vasconcelos. Uma referencia do parecer do Sr. Cruls, em que este atribûi ao órgão da Sociedade Astronomica de França palavras que não se lião no comunicado do Sr. Vasconcelos, fez-nos suspeitar qualquer alteração. Com efeito, tendo obtido o numero correspondente da mencionada revista, qual não foi o nosso espanto verificando que o adversario da bandeira nacional havia suprimido uma fraze inteira, colocada entre as duas por ele reproduzidas!!

A fraze intermedia suprimida é a seguinte: *"Cependant le dessin peut se justifier, parce qu'on a l'habitude de réprésenter le globe terrestre avec le Nord en haut, la civilisation étant venu de l'hémisphère boréal."*

E então?... Como qualificar similhante procedimento?... Bom meio, na verdade, de "confundir os ignorantes"!

Quanto á nós, apenas diremos que, si menos confiados na bôa fé do comunicante, houvessemos verificado logo a falsificação do texto da resposta dada pela revista da Sociedade Astronomica, teriamos poupado aos Srs. Pereira Reis e Cruls o enfado de interporem parecer sobre tal questiuncula, e nos teriamos limitado a restabelecer o texto truncado.

Era quanto bastava para que o publico pudesse formar o seu juizo.

APÊNDICE

I

Editoriais do "Diario de Noticias"

Constando que uma caza estrangeira, a loja de camas da rua da Assembléia, 71, de Luiz Seabra Coelho, tinha entre as taboletas uma imitação da bandeira nacional, em que fôra substituido por um distico infamante a inscrição patriotica *Ordem e Progresso,* um grupo numerozo de populares exaltados dirigiu-se á referida caza para, dizia ele, vingar a afronta.

Lá chegando, não achou mais a escandalosa taboleta, que fôra prudentemente retirada. Em compensação verificou que toda a frente da caza de negocio estava coberta de laminas de zinco, onde as mais torpes palavras (que surprehende que não tivessem ainda sido vistas pela policia) se podião lêr de mistura com a data 15 de Novembro.

Possuido de justo furor, o povo invadiu a loja, exigindo energicamente a taboleta insultuoza para a nossa bandeira.

Como a dita taboleta não pudesse ser encontrada, como não pôde tambem ser encontrado o dono do estabelecimento, o povo investiu contra as bambinelas arriadas e servindo-se delas como escadas, arrancou todas as taboletas onde figurava a data da revolução e as reuniu para as entregar á policia.

Durante a investida da caza de negocio não foi feito o minimo dano ás mercadorias expostas.

Com o comparecimento da polícia, reprezentada pelo Sr. Dr. Correia Dutra, 2.º delegado, e Luciano de

Oliveira, subdelegado do 1.º distrito do Sacramento, cessou o tumulto, seguindo o povo em marcha com uma bandeira desfraldada a saudar o marechal Floriano Peixoto.

Na Intendencia Municipal o povo estacionou por um momento, sendo a bandeira vivamente aclamada entre vivas á Republica Brazileira e ao marechal Floriano Peixoto.

No palacio Itamarati, unindo-se ao prestito popular uma consideravel multidão que lá o esperava, acolheu entre as mais vivas saudações a chegada da bandeira.

Diversos oradores uzárão então da palavra, para dar conhecimento ao Chefe da Nação da mizeravel afronta, contra a qual havião protestado, declarando que a vinhão trazer imaculada, porque lhe não podião chegar as desfeitas mizeraveis, como aquela contra a qual o povo lavrára protesto e confiavão á sua guarda como o emblema gloriozo da patria a que tão nobremente se tem consagrado o ilustre marechal.

Subindo ao salão principal do palacio uma comissão de populares, foi novamente saudado o Prezidente da Republica com as mais ardentes demonstrações de entuziasmo, sendo pelo capitão Alexandre Leal entregue nas mãos do marechal Floriano a bandeira nacional que se passeára em triunfo.

Respondendo ás manifestações de que foi alvo, o ilustre Chefe da Nação disse que o povo devia esquecer a injuria irresponsavel de um individuo naturalmente sem conciencia de patria, nem de respeito social, e declarou que os brazileiros podião contar que a bandeira da Republica, a bandeira nacional, encontraria nele um defensor emquanto em seu coração restasse vida.

Os oradores populares pronunciarão-se a favor da manutenção da atual bandeira, bandeira da fundação da Republica, bandeira de Benjamin Constant, a unica que se devia manter como emblema da nossa revolução.

Nas palavras que pronunciou o Prezidente da Republica, tanto quanto lhe era permitido por suas atribuições constitucionais, S. Ex. afirmou seu voto pessoal no sentido de conservar-se o pavilhão nacional conforme o instituiu o Governo de 15 de Novembro.

(*Diário de Noticias,* 8 Setembro 1892)

Havendo sido bazeada em noticia que demos a afirmação do ilustre Sr. Miguel Lemos, a respeito da opinião do Sr. Vice-Prezidente da Republica, manifestada ao povo no dia 7 de Setembro corrente, sobre a bandeira nacional, e sendo agora essa afirmação contestada, carecemos dizer que fomos apenas éco da convicção com que se retirárão do palacio Itamarati os manifestantes do referido dia 7. Propriamente declaração do parecer não nos constou que houvesse da parte do Sr. Floriano.

Respeitando a discrição irreprehensivel de que tem sempre dado mostras o Chefe da Nação, os populares julgárão-se habilitados a supôr, desde que o Sr. marechal Floriano expressamente não se pronunciava a favor da mudança da bandeira, alteração impugnada pelo povo — que esta rezerva equivalia a um voto pessoal dentro da comprehensão perfeita do regimen prezidencial — contra a mudança. Dahi a nossa noticia.

E' verdade que, nessa discreta rezerva, podia-se conter igualmente um sentido contrario á interpretação que lhe deu o povo.

Mas, não era natural que o povo reconhecesse sentido diverso do que lhe atribuiu; o mesmo povo que no Itamarati ouvira o Sr. marechal Floriano, comovido, e no meio da mais profunda comoção dos circunstantes, protestar que defenderia até á morte a bandeira nacional — tendo na mão exatamente a *bandeira nacional,* a que se quer discutir; a que reprezentantes insuspeitos da opinião popular ião entregar ao nobre Chefe da Nação como á mais forte guarda, rogando-lhe que a defendesse das agressões tumultuarias da dialetica, como a defenderia dos assaltos da guerra; a que acabava de ser desfeiteada, talvez pela imprudência de se admitirem duvidas a seu respeito, como o gloriozo simbolo da mais bela das revoluções; aquela que, si os instintos de veneração do nosso povo não estão educados para acatar unanimemente, como um emblema historico *irremediavel,* devia ao menos querer que a nossa patria, depois que foi duplamente sagrada pelo ultrage internacional e pelo sangue, nas ruas de S. Paulo, e porque a reprovava com um voto imundo um estrangeiro da rua da Assembléia, desta grande capital, chamado, si bem nos lembra... Legião.

Si a interpretação dos populares foi erronea, póde-se-lhes absolver o engano como uma culpa venial do entuziasmo.

Nós, por nossa parte, fazendo sem prevenções a nossa noticia, segundo a convicção desse entuziasmo não parece que tenhamos andado incorretamente.

(*Diario de Noticias*, 16 Setembro 1892)

II

Telegrama enviado, na manhan de 9 de Setembro de 1892, aos Governadores dos Estados

Floriano respondendo manifestação popular declarou ser contrario mudança bandeira. Peço publique.

MIGUEL LEMOS

III

Noticia do "Tempo"

Os alunos da Escola Superior de Guerra, reunidos hontem sob a prezidência do Sr. Dr. Gomes de Castro, rezolvêrão opôr-se á mudança da bandeira nacional, lavrando a propozito um manifesto que será publicado amanhan.

Ao Governador do Estado da Parahiba, Dr. Alvaro Machado dirigírão os alunos o seguinte telegrama:

"Pezames vossa conduta questão bandeira. Degenerado dicipulo Benjamin Constant, sempre subserviente aos poderozos! — (Assinados) *Villeroy, Gomes de Castro, Guabirú, Meira, Nogueira, Alberto Peixoto.*"

VI

Escola Superior de Guerra

As graves reações provocadas pelo projeto, em si mesmo mais ridiculo do que odiozo, com que levianamente se pretende profanar a memoria do Fundador da Republica Brazileira, mascarando por uma imitação empirica e servil a verdadeira filiação historica de nossa nacionalidade, acabão de romper fatalmente com o firme propozito que de ha muito haviamos formado, no intuito de manter um silencio sistematicamente convencionado em face de todas as veleidades oriundas de nossa verbiagem inconsiente, preposta a uma politicagem indecente e corruptora.

Patriotas como os que mais o são, sentindo entristecidos as dificuldades de todas as naturezas que se antolhão ante o magno problema da reorganização da Patria, faziamos o possível por evitar intervenções que pudessem dar pasto ás declarações caluniozas e hipocritas de nossos gratuitos dezafetos.

Certos, finalmente, de que a imutabilidade filozoficamente constatada da evolução humana não comporta o capricho e as manhas de nenhuma individualidade, quaisquer que sejão as paixões dominantes, esperavamos, na triste expectativa dos momentos angustiozos, que a marcha irrevogavel dos nossos destinos determinasse uma ordem mais digna e mais adstrita á superioridade moral de nossa raça.

Nessa situação encontrou-nos o projeto com que hoje se pretende esmagar as aspirações unanimes das patrias brazileiras, colocando-nos em uma pozição equivoca e desgraçadamente ridicula perante o mundo.

Aqueles que comprehendem a significação exata do que a linguagem humana exprime pelo vocabulo — Dever —; aos que sabem medir a grandeza moral do objeto amado; finalmente, áqueles que conhecem o culto de extremada veneração que dedicamos á memoria de Benjamin Constant, o único homem de estado brazileiro que soube honrar dignamente a sua patria, a partir do eminente Jozé Bonifacio; a esses não parecerá estranhável a nossa atitude perante os conflitos possiveis a que póde dar lugar o desvairamento daqueles

que desde já responsabilizamos por todas as consequencias deste ato de degradação moral.

Assim, pois, unanimemente solidarios, como em todos os momentos decizivos, certos de que defendemos os altos interesses humanos, repelindo energicamente a extrema ouzadia de paixões dezenfreadas, tendo de nosso lado, secundando-nos no cumprimento de nosso dever, a atitude passiva, porem francamente simpatica da elite da população brazileira, vimos em linguagem de gente que desconhece e odeia os subterfugios das tricas parlamentares e as subtilezas peculiares aos flexiveis politicões dezhonestos, motivar a atitude que a nossa dignidade nos impõe.

Em primeiro lugar, protestamos corajozamente contra o carater leviano e altamente criminozo desse projeto, que ameaça esfacelar a patria, decompondo-a em dois campos rivais, e quiçá fomentando conflitos materiais insuperaveis, no momento mesmo que é estrito dever de todo cidadão honesto afastar os mais simples embaraços que possão complicar a nossa situação intelectual e socialmente revolucionária.

Absolutamente injustificavel, ostensivamente retrogrado e anarchico ao mesmo tempo, esse projeto e seus autores merecem a repulsa de nossos sentimentos e a suprema condenação de nossos pensamentos.

Em segundo lugar, o nosso modo de encarar a instituição normal da bandeira de uma nacionalidade não nos permite reconhecer competencia em quem quer arrogar-se o direito de fazer invenções a seu talante.

Assembléia ou chefe de Governo não têm absolutamente atribuições neste sentido. Em cada época, a bandeira rezume as aspirações triunfantes, e surge naturalmente com a revolução que impoz o acendente legal delas. E' por isso que a nossa bandeira só podia ser normalmente instituida, como felizmente o foi, pelo chefe eminente da revolução de 15 de Novembro.

Por outro lado, é simplesmente monstruozo arrogarem ao simbolo da Republica o *grande defeito* de conter em sua diviza as aspirações daquilo que a bacharelice dezastrada chama de seita. Esse mesmo motivo procederia, aliás, para repelir a propria Republica, pelo fato de tambem ter sido fundada pelo mesmo cidadão que

de ha muito fazia alarde de seus sentimentos pozitivistas. Mas se comprehende a natureza hipotetica dessa supozição, que de nenhum modo conviria aos membros desse mesmo Congresso que fez a apoteoze de Benjamin Constant, proclamando-o Fundador da Republica Brazileira e modelo de virtudes aos seus futuros prezidentes. Dada a natureza pozitivista das aspirações do eminente brazileiro, que outra orientação poderia ele dar á politica republicana de nossa patria? A qualquer homem honesto póde pois admirar que o nosso mestre inscrevesse na bandeira que ele nos legou a diviza que de fato correspondia á plenitude de seus sentimentos patrioticos? Ou esperavão que Benjamin Constant tivesse a conduta de qualquer ambiciozo vulgar, aceitando a definição de Talleyrand sobre a significação dos vocabulos?

Tudo isso não póde ser reputado coiza séria, e si a parlamentarice de nossos charlatães politicos não nos fosse bastante conhecida, seria o cazo de termos um pouco mais de consideração, visto tratar-se então de um cazo constatado de patologia cerebral.

A bandeira republicana póde, pois, abrigar em sua sombra protetora todos os brazileiros honestos; ela póde, pois, constituir-se o centro de convergencia de todos os brazileiros que sabem ser dignos, venerando a memoria de seus maiores compatriotas. Ela não póde, sim, abrigar paixões pouco dignas, porque sintetiza a grandeza moral de um homem a cujo rasgo de civismo devemos o acontecimento politico que mais honra nossa Patria; ela não póde tambem abrigar aqueles que abuzão da falsa e dinheiroza pozição que devem ao esforço social e á condecendência habitual de Benjamin Constant para desrespeitar indignamente a sua memoria.

Agora, si por uma dessas aberrações morais a que desgraçadamente a humanidade está sujeita, esse projeto merecer a sanção legal de todos os nossos poderes constituidos, a bandeira republicana que possuimos, feitura e mimo das filhas do nosso mestre, ficará sendo o estandarte de nossa Escola, e guardá-la-hemos religiozamente até que dias mais felizes nos permitão colocá-la sob a guarda de um Governo honesto, que tenha em si mesmo o impulso bastante nobre para saber amar a memoria sagrada do Fundador da nossa Republica, não permitindo jamais os insultos que vão se tornando habituais.

Eis ahi ás claras, cumprindo o nosso dever, satisfeita a nossa indignação, e esclarecidos os nossos dezignios.

Capitão Augusto Ximeno de Villeroy, tenente Agostinho Raimundo Gomes de Castro, tenente Gustavo Guabirú, 2.º tenente Alarico de Araujo e Silva, 2.º tenente Conrado Miler de Campos, 2.º tenente Salvador Barbalho Uchôa Cavalcante Filho, 2.º tenente João Nepomuceno da Costa, 1.º tenente Ticiano Corregio Dœmon, 1.º tenente Alfredo Julio de Morais Carneiro, 1.º tenente Salatiel de Queiroz, 1.º tenente Marciano de Oliveira e Avila, 2.º tenente Alberto Peixoto de Azevedo, major Manuel Ferreira Neves Junior, capitão Antonio Fróis de Castro Menezes, alferes Eduino Carpenter, capitão Crispim Guedes Ferreira, alferes Jozé Fernandes Leite de Castro, 2.º tenente Artur Cezar Moreira de Araujo, 1.º tenente Lino Carneiro da Fontoura, 1.º tenente Clementino Fernandes Guimarãis, capitão Inocencio de Barros Vasconcelos, 2.º tenente Melkizedec Lima, 2.º tenente João Vespucio de Abreu e Silva, 2.º tenente Eugenio Ramos Vilar, 2.º tenente Alfredo Vidal, 1.º tenente Ozorio de Azambuja Cidade, 1.º tenente Mario da Silveira Neto, capitão Jozé da Silva Braga, 2.º tenente Fernando Gomes Ferraz, tenente Raimundo Magno da Silva, tenente Aires de Morais Ancora, alferes Joaquim Candido Cordeiro, capitão Godofredo de Melo Barreto, 1.º tenente Vitor Eduardo Rozani, capitão Jozé Eulalio de Oliveira, alferes Francisco de Paula Pedro de Alcantara, 2.º tenente Silverio Augusto de Azevedo, 1.º tenente Francisco Antonio de Arruda Pinto, 2.º tenente Antonio Jaci Monteiro, capitão Sebastião Francisco Alves, tenente Inocencio V. Pederneiras, alferes Emilio Braulio de Azevedo Leite, 1.º tenente Luiz Ferreira de Matos, 1.º tenente Juvenal Otaviano Miler, 2.º tenente Gregorio de Paiva Meira, 1.º tenente João Simplicio Alves de Carvalho, 2.º tenente E. Vieira Pamplona, tenente Alfredo Eduardo Nogueira, 2.º tenente Custodio Cabral de Melo, capitão Honorio Vieira de Aguiar, 2.º tenente J. Miguel Ribas, alferes Francisco Antonio de Carvalho.

Escola Superior de Guerra, 16 de Setembro de 1892.

V

Club Republicano Sul Rio-Grandense

Nós, rio-grandenses abaixo assinados, vimos aprezentar ao povo brazileiro e aos poderes governamentais a manifestação dos nossos sentimentos e das nossas idéias em relação ao magno assunto que se debate agora em todo o paiz, isto é, o projeto aprezentado por um deputado ao Congresso Federal e que tem por fim a reforma da bandeira da Republica.

Para todos aqueles que procurão compenetrar-se do mais puro republicanismo e do real sentimento da Patria, é certamente dolorozo que tenhão de rebater, de momento a momento, golpes crueis atirados ás instituições mais patrioticas, mais uteis e, finalmente, mais sociaveis, que se estabelecêrão sob as primeiras e melhores inspirações do governo republicano; mas ainda mais revoltão-se as nossas almas quando esses sacrilegos golpes são brutalmente dirigidos por homens que se dizendo, só hoje, republicanos, procurão as primeiras funções publicas, para, afinal iludindo os deveres patrios, mostrando-se assim incapazes de merecer o titulo de cidadãos, tentarem por todos os meios demolir o que ha de mais são, belo e sagrado na grandioza obra da transformação politica da Patria Brazileira.

Entretanto, si todos os antigos republicanos que ocupão as pozições oficiais tomassem rezolutamente a atitude que os deveres republicanos e as exigentes aspirações destes lhes impõe, si o chefe supremo da nação comprehendesse que ele é o mais responsavel dos cidadãos, e deixando o seu procedimento dubio e incorreto, afirmasse clara e terminantemente as suas opiniões a respeito dessas graves questões ultimamente levantadas sobre as nossas instituições, com certeza essas aves daninhas da Republica não ouzarião extender as suas aguçadas garras sobre as creações esplendidas da revolução. Não intimida, contudo, aos verdadeiros republicanos esse dezejo, aliás pueril e impatriotico, de reformismo retrogrado que anima atualmente alguns retardatarios da republica e esses renegados dos principios e das ações brilhantes aceitas e efetuadas pelo incomparavel movimento de 15 de Novembro de 1889.

Nós, apezar de tudo, a despeito dessas vontades desregradas, anti-republicanas, e contrarias á ordem e ao progresso das sociedades, estaremos sempre em guarda, prontos a profligar energicamente e a combater por todos os meios de que dispuzermos e que forem compativeis com a dignidade de cidadão, todos os atos, quer dos poderes publicos, quer de outras corporações, quer individuais que tenhão por fim atacar as instituições já consagradas pela opinião esclarecida e pelo bom senso popular.

Entre essas consideramos dignas do maior respeito, da mais intemerata defeza, a que estabeleceu a completa liberdade espiritual, o decreto que determina os grandes dias de festa nacional e de confraternização humana, e o que aprezentou a bandeira da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, a mais bela e mais significativa que tenha concretizado todas as tradições gloriozas de um povo, todas as circunstancias de sua existencia propria, e as suas brilhantes aspirações de futuro. Ela sintetiza assim, por meio dos emblemas historicos, da reprezentação dos seres celestes que mais emocionão, especialmente a alma brazileira e mesmo a americana, a dezejada fraternidade universal, pelo acendente do civismo, expresso na legenda que nenhum digno republicano poderá regeitar sem dar uma prova de que não dezeja a paz e a liberdade indispensaveis, tanto ao governo, como á sociedade.

Essa esplendida legenda — Ordem e Progresso, — a constelação do Cruzeiro com as outras estrelas, formão o simbolo do passado, do prezente e do futuro da Confederação Brazileira; a constelação e o conjunto dos astros que a circundão relembrão continuamente a imagem do céu do Brazil, que desde os primeiros momentos da sua descoberta pelos nossos antepassados portuguezes, até hoje, tem inspirado todas as imaginações poeticas e concretizão o sentimento patrio; a diviza inscrita na bandeira rezume, para os republicanos, a verdadeira politica moderna, sob a inspiração da qual o venerando e grande cidadão Benjamin Constant fundou, irrevogavelmente, a republica no Brazil.

Por todas essas considerações e pelas nossas convicções firmes e ardentes, nós rio-grandenses republicanos, obedecendo ás inspirações dos melhores sentimentos sociais e pela sagrada memoria de Benjamin Constant,

o egrégio fundador da Republica, declaramos rezolutamente que para nós tambem é irrevogavel o decreto com que o grande cidadão criou a sacrosanta bandeira nacional.

Finalmente, tornaremos desde já responsaveis perante a Republica aqueles que tentarem qualquer ataque contra essa sublime criação, que ainda constitúi atualmente a unica epopéia, o unico monumento digno da heroica revolução que, tão sómente, comemorou eminentemente a enorme crize franceza que iniciou a regeneração total da sociedade humana.

Ordem e Progresso.

Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1892.

Oscar da Cunha Correia, prezidente do Club Republicano Sul Rio-Grandense. Figueiredo Mascarenhas, O. Correia Lopes, J. J. Felizardo Junior. Tito Correia Lopes, Orestes Correia, Miguel da Cunha Cavalheiro, Antonio Carneiro Monteiro, Dally Pereira Martins, João Lucas de Lima, Bernardino Nova, Augusto Ribeiro de Souza, Joaquim Pardo de Araujo Vieira, capitão Saturnino Nicolau Cardozo, Jozé Correia Lopes, Antonio C. Borges, Francisco Borja Batista, Pardo Santaiana, L. Medeiros Alves, Artur Dias Bastos, Socrates Maglia, Arnaldo da Cunha Piegas, João P. Mena Barreto, J. M. San Juan, Ugolino C.A. Faria, Vespaziano R. Correia, Nilo Martins, Luiz de Morais, Amaro Batista, Alcides de Sá Brito, Leonel Gomes Velho, Prudencio Ferreira da Silva, Afonso Ramos Correia, J. C. Batista da Costa, Vitor Batista, Benjamin Torres de Carvalho, membros do Club Republicano Sul Rio-Grandense.

Religião da Humanidade

Publicação n. 23 do ano 66/132 (1921)

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.

Viver às claras. Viver para oûtrem. Órdem e Progrésso.

A BANDEIRA REPUBLICANA BRAZILEIRA

e

a diviza política ÓRDEM E PROGRÉSSO

A proclamação da República, destruíndo a mentira oficial que prevalecia, marca uma nóva éra e enche de esperanças o coração dos verdadeiros patriótas.

O Governo da República déve consubstanciar a nóva faze em que entra a nóssa Pátria adotando para a sua diviza a fórmula de Augusto Comte: *Órdem e Progrésso*, rezumo de todo o programa republicano.

Por óra só vos pedimos isto e a manutenção a todo tranze da República Brazileira.
Saúde e respeito.

Menságem ao General Deodoro, chéfe do Poder Ezecutivo da República brazileira, aprezentada, por intermédio de Benjamin Constant, no domingo, 17 de Novembro de 1889, no Quartel General, em nome do Apostolado Pozitivista do Brazil, por Miguel Lemos, Diretor, e R. Teixeira Mendes, Vice-Diretor.

Nésta glorióza data, paréce-nos oportuno recordar as seguintes indicações a propózito da instituição da

bandeira republicana brazileira. E, para patentear quanto são descabidos os ataques que ainda lhe são dirigidos por haver sido inscrita nela a *diviza política* ORDEM E PROGRÉSSO, cremos que basta reproduzir a página abaixo da *Semana Ilustrada,* de 11 de Agosto de 1872. Esse documento móstra que a *diviza política* ORDEM E PROGRÉSSO já se achava popularizada entre nós *mais de dezesête anos antes* da proclamação da República no Brazil. E cumpre acrecentar que o Conselheiro João Alfredo revelou-se — especialmente pela sua conduta em relação ao movimento abolicionista — digno de hastear similhante diviza.

Só tivemos conhecimento desse documento pela benevolência do Dr. Joaquim Egas Moniz, que nos comunicou o número da SELÉTA de 12 de Abril de 1919, onde foi reproduzido em um artigo sobre o Conselheiro João Alfredo.

—

A *tranzição orgânica* em que a Humanidade se acha desde que a evolução rezumida em CLOTILDE DE VAUX, como reprezentante do conjunto do séxo feminino, e em AUGUSTO COMTE, como reprezentante do séxo masculino, permitíu o acabamento da *Política Pozitiva,* em 1854, aprezentará tres fazes:

—

1.ª — Caraterizada pelo predomínio da *ditadura monocrática alheia à fé pozitiva,* que define a *situação atual* do Ocidente, *republicana, por toda a parte iminente ou real.* (APELO AOS CONSERVADORES, p. 113).

2.ª — Caraterizada pelo predomínio da ditadura monocrática *tornada simpática à fé pozitiva;*

3.ª — Caraterizada pelo Governo triunviral pozitivista.

—

Na *primeira faze,* e especificando a tranzição para o cazo da França, AUGUSTO COMTE recomenda que fosse *conservada a bandeira ezistente,* inscrevendo-se nela a *diviza política* ORDEM E PROGRÉSSO que rezume as aspirações de todos os ocidentais e especialmente dos verdadeiros republicanos.

Na *segunda faze,* ainda a bandeira déve ser conservada, inscrevendo-se na outra face a *diviza moral, Viver para ôutrem,* então vulgarmente sentida, graças à propaganda pozitivista, como já o é a diviza política ORDEM E PROGRÉSSO.

Na *terceira faze,* será hasteada a bandeira definitiva das Pátrias *normais,* ou MÁTRIAS, constituídas por um fundo comum *verde* orlado pelas *cores especiais* de cada nacionalidade. Então a *diviza prática* VIVER ÀS CLARAS, hoje tão generalizada entre nós, apezar de não perceber-se que a sua *efetividade* ezige o livre ascendente da fé sientífica, será inscrito nas *moédas.*

—

Quando deu-se a esplozão de 15 de Novembro de 1889, preocupando-nos com a instituïção da bandeira nacional, foi Miguel Lemos, fundador e Diretor da Igreja Pozitivista do Brazil, quem fês-nos ver que, NA QUADRA ATUAL, devia ser *conservada a bandeira instituída por Jozé Bonifácio, em tudo quanto pudésse ser conservado,* de acordo com o regímen republicano, inscrevendo simplesmente nela a diviza política ORDEM E PROGRÉSSO; ao passo que lhe tínhamos lembrado de propor ao Governo Provizório, a *bandeira normal* das futuras *Mátrias brazileiras,* por não termos prezente o testo de nósso Méstre.

Á vista déssa observação de Miguel Lemos, sabendo da preocupação de introduzir-se a *Constelação do Cruzeiro* na nóva bandeira, e da idéia, já aproveitada por Jozé Bonifácio, de reprezentar por estrelas os Estados da Federação Brazileira, foi concebido o projéto submetido a Benjamin Constant e que ele adotou.

Uma vês decretada a bandeira da República brazileira, foi *fixada* a reprezentação do Céu nela, sendo éssa reprezentação submetida ao conhecido astrônomo brazileiro Dr. Manuel Pereira Reis. O Dr. Manuel Pereira Reis fês depois notar que éla refletia o espetáculo sideral na manhan de 15 de Novembro, no Rio de Janeiro às 9 hóras aprossimadamente.

—

A bandeira que serviu de modelo foi pintada por Décio Vilares.

Devemos emfim lembrar que foi o oficial do ezército Antônio de Morais Rego, hoje falecido, quem indicou que se tomasse para *selo* da República a esféra da Bandeira.

Pensava-se tambem que as *Armas do Império*, sendo o escudo que se achava na Bandeira instituída por Jozé Bonifácio, a *Esféra celéste* da Bandeira republicana seria adotada para as *Armas da República*. Eis porque nada propuzemos a tal respeito.

R. Teixeira Mendes
Apóstolo da Humanidade.

Rio, 16 de Frederico de 66/132 (19 de Novembro de 1920).

(Publicado na seção ineditorial do *Jornal do Comércio*, de sábado 20 de Novembro de 1920).

Conferências Públicas

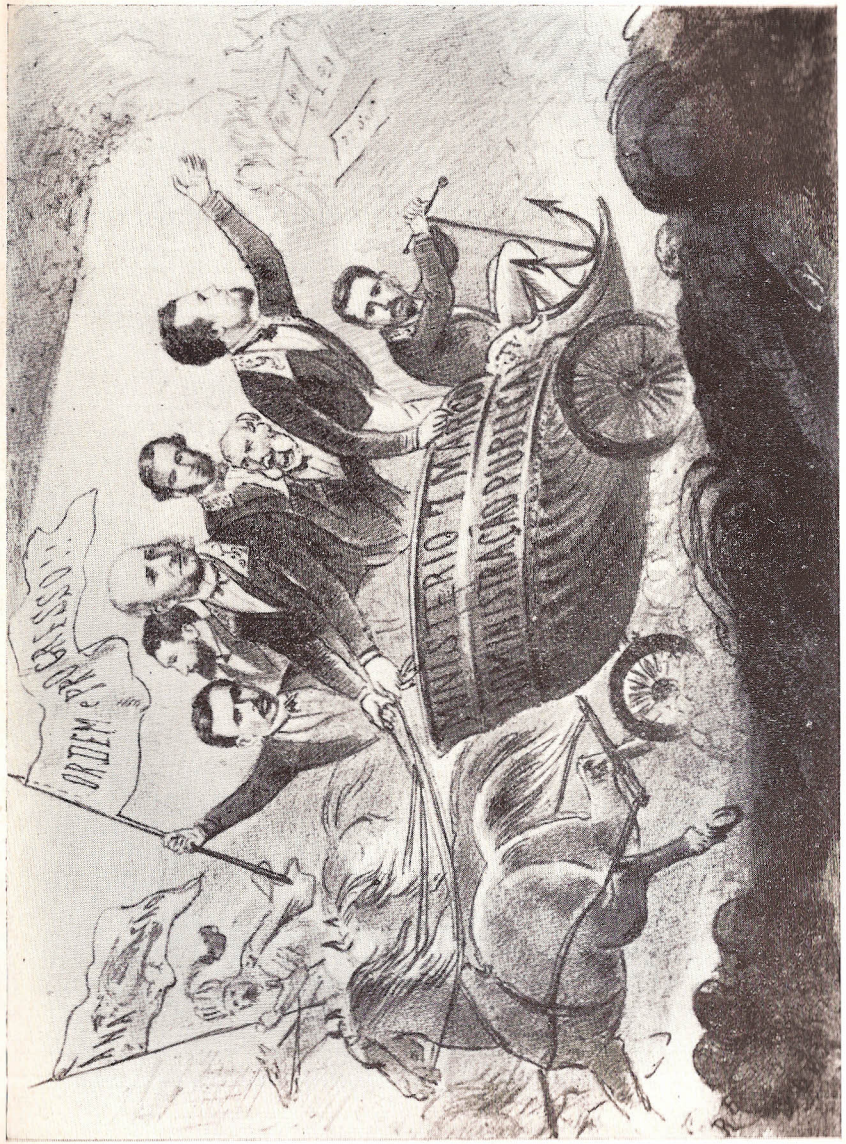
todos os domingos, às dez horas, e nas seguintes datas: 1 e 19 de Janeiro, 5 e 21 de Abril, 3, 4 e 13 de Maio, 14 de Julho, 15 de Agosto, 5 e 7 de Setembro, 8 (7 nos anos bissestos) e 12 de Outubro, 15 de Novembro, 30 (nos anos dissestos) e 31 de Dezembro,

Avizo

Péde-se às pessoas que quizérem enviar, pelo correio, qualquér quantia para o Apostolado Pozitivista, que o fáção em carta registrada com valor declarado ou vale postal, *por mais insignificante que seja a quantia*.

O pórte das publicações, quando enviadas a pedido, correrá por conta do destinatário

Péde-se indicar o número correspondente á publicação pedida.



... e só o Governo de pé, conscio do seu direito, laureado pelo povo, sem olhar para os cascalhos do caminho, guiava com mão firme o carro da administração pública na estrada real do progresso, evitando os atalhos escuros por onde tranzitão os malfeitores públicos. (A situação e os dissidentes. Carta política ao Sr. Visconde do Rio Branco).

Reprodução por fotogravura de uma página da *Semana Illustrada* de 11 de Agosto de 1872.